

Stadium

Foto MANUEL SEIXAS

BELENENSES - SPORTING

NAS SALÉSIAS — Sidónio carrega lealmente e dificulta a acção de Sérlo. A bola escapa-se, mas o guarda-redes executará mais tarde a defesa. Vasco observa. Os guarda-redes estão expostos às cargas, e devem ser protegidos quanto possível!



2\$50

REVISTA DESPORTIVA

N.º 255

22 DE OUTUBRO DE 1947

SPORTING instalou-se no posto n.º 1

A 7.ª jornada indica claramente nivelamento de valores e forças

Crónica de TAVARES DA SILVA

Apreciada em conjunto, como nos cumpre, a 7.ª jornada mostrou-se bem interessante. Se tivéssemos de julgar somente pelos actos do passado domingo e não pelo somatório de provas, concluiríamos por um nivelamento de forças bastante acentuado. Mas pode dizer-se, sem faltar à verdade, que a Prova de Lisboa nos dá, na realidade, o chamado equilíbrio de valores. Não há, repetimos, que algumas vezes tem sido, uma tão grande diferença de classe entre o 1.º e o 6.º que, num dia feliz, este não possa vencer. Tomaram muitas competições, mesmo de maior expansão, suscitar o interesse que semelhante nivelamento provoca. O próprio Campeonato Nacional não pode pôr-se ao lado do Torneio Regional n.º 1, neste capítulo. Os resultados são expressivos:

Belenenses . . . 0 — Sporting . . . 1
Estoril 2 — Benfica 0
Atlético 1 — Oriental 1

Às vezes, porém, os resultados nada indicam. Os números são uns e o que se passou em campo é uma coisa muito diferente. Não é o caso. Os algoritmos da 7.ª jornada falam a linguagem da verdade. Nas Salésias, o empate esteve iminente no derradeiro segundo.

Na Amoreira, a reacção do Benfica conseguiu dar à partida uma viva animação, mesmo quando o Estoril já tinha feito o resultado. Na Tapadinha, os grupos bateram-se sempre arduamente, não aproveitando de um lado e de outro várias oportunidades.

Por via dos números, a Tabela sofreu alterações: uns são beneficiados, outros prejudicados. O Sporting subiu ao degrau mais alto. Venceu nas Salésias, e, para sua fortuna, o Benfica não conseguiu transpor o obstáculo sério, que hoje representa o Estoril.

Mesmo assim, os rivais mais directos são ainda os dois Históricos. O Benfica está separado da cabeça por dois pontos, e estes pode recobrá-los perfeitamente no próximo domingo, em *match* que tem jeito de *final*. E se tivermos em conta que o *futebol é jogo*, ou, por outras palavras, que a bola não tem lógica e se compraz nas surpresas, não devemos excluir da órbita do *titulo* os dois clubes que se seguem na classificação geral, o Atlético e o Estoril, qualquer deles a três pontos do n.º 1. Evidentemente, seria preciso mais de um precalço aos dois da frente, e uma vida inteira de felicidades a este par de clubes com 14 pontos, para a situação se modificar e o Estoril ou o Atlético ganharem a prova. Trata-se de uma hi-

póte de poucas probabilidades mas não impossível.

O Belenenses desceu muito, e um pequeno pormenor justifica essa descida. Se olharmos para o Mapa verifica-se que Belem é o clube que marca até agora menos bolas (7), mesmo menos que o Oriental. Em bolas sofridas o clube está à altura do Sporting e Benfica, indicação expressa de que o mal não está na defesa.

O Oriental segue no posto da cauda, mas as últimas exhibições robusteceram a equipa: leva apenas 6 pontos de diferença dos *leões*. O clube sem vaidades mas com persistência, está a desenvolver um grande esforço para fugir ao posto — que ninguém quer...

O desafio de mais cartel disputou-se nas Salésias, apresentando os clubes as seguintes linhas, sob a autoridade de Santos Marques.

Belenenses — Sérgio, Vasco, Feliciano, Amaro, Figueiredo, Serafim, M. Rocha, Nunes, Francisco Rocha, Quaresma e Nareiso.

Sporting — Azevedo, Soeiro, Manuel Marques, Canário, Barrosa, Moreira, Jesus Correia, Sidónio, Travassos e Albano.

O desafio teve mais lances confusos do que claros. De um lado e de outro, a base foi a energia. Falamos do aspecto ofensivo, evidentemente.

Quando o jogo assentou, a classe do ataque sportingue veio ao de cima, registando-se vários lances rectilíneos e da melhor ordenação. Mas a confusão continuou a ser a característica do ataque belem e da defesa sportingue. Aquele complicando a maior parte das jogadas; esta, não mantinha a penetração que afasta com facilidade o perigo. Em todo o caso, os homens da defesa sportingue estavam relativamente senhores da situação na zona da verdade.

Deste modo, o problema das Salésias ficou circunscrito a uma luta de um só aspecto e que pode traduzir-se na seguinte interrogação: — Conseguiriam as peças belenenses opôr-se vitoriosamente a um quinteto que buscava, com o seu saber e habilidade, encontrar uma ocasião para lançar o golpe mortal?

Devemos dizer que as defesas de Belem se comportaram bem, e ainda que os médios também se destacaram na tarefa defensiva (pudesse dizer-se o mesmo do seu labor de ataque!), mas mesmo assim o Sporting conseguiu maiores perfurações, e, numa delas, deu-se o inevitável: Jesus Correia mandou uma grande e certa pedra.

Sem sombra de dúvida, não se podem ganhar desafios com uma linha dianteira sem conjunto, morosa e sem audácias. O ponta-direita deve afrontar-se como exemplo vivo do jogo pacífico, tão característico das exhibições.

Sobre o valor do ataque sportingue faz-se por certo uma ideia dizendo que o interior Travassos foi aquele que se classificou com nota mais inferior. A linha média não mostrou a harmonia desejada, e a actuação do culpado Moreira sobressaiu. E em desabono de Soeiro nada se pode dizer, bem pelo contrário.

De um modo geral, em todos os clubes, o ataque parece ser a célula mais difícil de ligar, corrigir e pôr em forma. O Estoril, dispondo de dois excelentes interiores, de extremos que acompanham bem o jogo e de um rematador no eixo, não tem esse problema. Assim, vence desafios e está a desempenhar um belo papel. Dá-se ainda o caso desses elementos jogarem há muito tempo juntos e conhecerem-se muito bem.

Já o Benfica mostra-se forte na organização defensiva, mas tem dificuldades em conseguir uma dianteira que responda ao resto do grupo. Os médios lutam corajosamente e insistem no jogo, os defesas correspondem, mas os avançados fraquejam. E os médios se se podem substituir aos dianteiros. Na fase em que o Benfica tentou recuperar o terreno perdido notou-se mais uma vez a deficiência do seu ataque. Mas o Estoril, seja-se verdadeiro, forjou belas jogadas dignas de um grupo que tem dois interiores à altura das circunstâncias.

Sob a arbitragem de Borques Leal, o Estoril alinhou Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva. E o Benfica, Rogério, António Maria, Fernandes, Jacinto, Moreira, Félix, Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, Corona e Vítor Baptista.

Como acima referimos, ou, pelo menos, damos a entender, o rendimento dos conjuntos depende fundamentalmente dos interiores, unidades que, além de outros requisitos, devem ter uma grande mobilidade e capacidade de resistência. Por isso, consideramos errado o critério adoptado no Atlético fazendo alinhar a interiores dois homens que já não estão na curva ascendente. A verdade é que, por contraste da parte do Oriental, houve mais moidade, sangue na guelra e desejo de vencer.

Alinharam pelo Atlético Ernesto, Pereira, Castro, Armando Silva, Armando Costa, Morais, Martinho, José Lopes, Vital, Gregório e Caninhas. Pelo Oriental: Reis, Cruz, Capela, Iaidoro, Morais, Vicente, Augusto, Eleutério, França, Abrantes e Reu. *Arbitro*: Ribeiro Sanches — T. S.

Ano V — II Série — N.º 255
Lisboa, 23 de Outubro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cláudio João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

A "graça" da semana



«Este» já está arrumado! Agora só falta «o melhor do mundo»!

O F. C. DO PORTO

ganhou por 1-0 ao Campeão da Liga de Espanha no seu próprio campo

O Futebol Clube do Porto, como é hábito seu, soube prestigiar contra uma considerada equipa estrangeira a classe do nosso jogo. A despeito de se haver deslocado para Valência por via Madrid, o que obriga a viagem mais longa e dispendiosa, não deixaram os valerosos campeões portuenses de se manter com galhardia na frente dos campeões de Espanha, vencendo-os por 1-0 no seu próprio campo, perante um público entusiasmado, — um público que teve de aplaudir, muito desportivamente, os azues brancos portuenses.

Ao futebol português, também esta vitória de uma das suas boas equipas serve admiravelmente. Prova-se que temos já uma ideia definida sobre tática e técnica; e que alguma coisa se tem feito no sentido de dar nos nossos grupos uma classe interessante — tão interessante que nos oferece resultados como o do jogo Porto-Valência, que ostenta o título máximo da Espanha.

E digamos agora que o resultado obtido pelo F. C. do Porto, honroso para os portugueses, porque jogar em Espanha, no campo do adversário, não é fácil, contentou os nossos amadores da bola, tanto do Norte como do Sul. O popular F. C. do Porto exhibitava-se a grande altura, salientando-se o admirável trabalho de Barrigana, um guarda-redes que entusiasma o público de Valência; Gastão, médio-centro que sabe dar jogo e tem classe definida; Araújo que orienta o ataque com muita autoridade, evoluindo no terreno como peixe na água, assinando jogadas que a crítica espanhola assimila, entusiasmada; Guilhar — homem que conhece o fute-

bol como padeiros; Carvalho, rijo, chelo de mocidade, voluntarioso; e muitos dos rapazes jovens, que souberam acompanhar o esforço dos seus camaradas.

A equipa portuguesa marcou o ponto da vitória aos 11 minutos da segunda parte. A jogada foi perfectíssima: Araújo dominou adversários o meio do terreno e deu a bola, jogável, a Ferreira. Este deixou dois espanhóis pregados no terreno com lutas primorosas e serviu Catolino; o extremo esquerdo entrou rápido e certo para Vergílio. O pequeno avançado centro azul adiantou a bola ligeiramente, esgareçou-se a Juan Ramon e bateu o Internacional Eizogairre.

De então até final do jogo — o campo pertenceu aos portugueses. Jogaram em flandramente. A defesa e os médios mandaram muitas vezes e Araújo demonstrou possuir a classe que o levou muito justamente à equipa nacional portuguesa.

O público de Valência rendeu-se e... e aplaudiu os portugueses.

Ao F. C. Porto foi depois entregue uma valiosíssima Taça. Nessa altura, deram os portugueses largas ao seu entusiasmo.

Eis a constituição dos vencedores:

Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Gastão, Carvalho, Angelo, Araújo, Vergílio, Ferreira e Catolino.

O vencido; campeão de Espanha:

Eizogairre, Alvaro, Juan Ramon, Laso, Herrero (argentino), Ascensi, Gago, Morera, Mando, Igoa e Geraldés.

O desafio foi excelentemente arbitrado. Era Pedro Escartin o juiz de campo...

SEGUNDA DIVISÃO DA A. F. L.

No primeiro lugar

está o Operário, e de pedra e cal...

O Operário, vencendo o Sacavenense no seu próprio campo, e beneficiando ainda da derrota do Futebol Benfica, nos Olivais, ficou no domingo a 3 pontos do segundo classificado.

Poderá agora dizer-se que o ex-clube de S. Vicente, ou antes, do campo de S. Vicente, dificilmente será batido neste campeonato; de mais recebendo o Futebol Benfica no seu campo.

O Sport Lisboa e Olivais ganhou no seu campo aos homens de «Francisco Lázaro». A vitória também é bonita, e teve ainda a virtude de o fazer subir na classificação, trocando o posto com o Sacavenense.

Domingo veremos os seguintes

desafios: Arroios - Sacavenense, Olivais-Casa Pia e Operário-Futebol Benfica.

Os resultados da última jornada: Casa Pia, 2-Arroios, 3; Olivais, 2-Futebol Benfica, 0; Sacavenense, 0-Operário, 0.

E agora a classificação: Operário, 19 pontos; Futebol Benfica, 16 pontos; Casa Pia, 14 pontos; Arroios, 13 pontos; Olivais, 11 pontos; Sacavenense, 10 pontos.

Boa vitória do Arroios

O Arroios foi à Amadora conquistar uma excelente vitória. Ganhar ao Casa Pia no seu campo da Amadora é proeza. Os casapias

(Continua na pág. 19)

Seleção Nacional

“Cock-tail” argentino-húngaro-inglês!

CONTINUANDO a debater uma tese da Seleção Nacional — a contribuição dada pelos Treinadores de Clubes — diremos que o «estreito contacto» por nós preconizado entre Seleccionador e Treinadores era permanente, com a duração do infinito; não temporário e mingaudo, como agora parece praticar-se. Seja como for — e nós sabemos como é — não se deve esquecer que a Seleção Nacional sómente quando tiver a harmonia de um «team» de clube atingirá a sua máxima potência. E quando se diz que a Seleção é um bom «conjunto», necessariamente se dá carta de preparação individual aos jogadores que a integram. A implantação do regime dos 3 treinadores, como se pretende, numa só temporada, servirá o princípio básico da Seleção Nacional — o princípio do seu conjunto?

A estranha decisão merece um comentário. Dar o Onze nacional a três homens numa só época corresponde dar ao papel de treinador um revestimento diferente daquele que deve ter. O «prático» desempenha a sua função em subordinação completa às directrizes do dirigente que separa os valores, orienta o Grupo e toma sobre os ombros a responsabilidade do que se passa. Confiar um grupo, desafio-a-desafio, a um treinador, com o fundamento de que este conhece o jogo e os jogadores adversários, não será de certo modo inverter as funções que cabem ao Seleccionador e ao Treinador?

Assim nos parece. Depois, todos conhecemos o que representa, num próprio clube, a mudança de treinador, de época para época, quanto mais na hipótese em causa. Quando se muda de «prático» há uma fase de transição, por assim dizer, em que os jogadores estranham o novo processo de ensino. De resto, em qualquer Organização a mudança de capataz origina desequilíbrios. Mesmo que se trate de treinadores igualmente competentes, cada pessoa tem a sua forma de tratar e exprimir-se, isto é, de lidar com os homens, seus subordinados. Uns são mais amoldáveis e outros menos. Há o treinador que fala pelos cotovelos e aquele que quase não fala. E cada um tem o seu processo de ensino.

Além de tudo, a estranha decisão dos «três treinadores» assenta em dados que nem sequer nos parecem verdadeiros. Assim, Seopelli será o treinador do Onze Português por conhecer o futebol e os jogadores franceses (!), Lipko treinará contra a Espanha pelo conhecimento que tem do jogo e dos jogadores espanhóis (!) etc.

Sucedo que o argentino Seopelli andou por França, não sabemos há quanto tempo, mas certamente à volta de dez anos, e nunca mais pisou aquela terra. De então para cá, o futebol francês evoluiu de tal modo que está irreconhecível. Quase não havendo um jogador do tempo do argentino belenense. Isto mesmo, mais ou menos, segundo nos consta, teria dito Seopelli, em comentário privado, à roda de amigos.

Com Hertzka passa-se a mesma coisa. Treinador naquele país safu de lá há um bom par de anos, recolhendo a Portugal e por aqui ficando. Conhece os espanhóis modernos pelas suas escassas deslocações a Portugal e pela cultura dos jornais. Mais nada. Quere dizer, o próprio fundador criador da estranha orientação é falso como Judas. Concluindo-se, portanto, que a medida destinava-se apenas a extasiar a lua e a espantar o burgo!

Pretendia meter-se nas mãos de 3 treinadores — um «cocktail» argentino-húngaro-inglês — a Seleção Nacional.

Mostramos tratar-se de uma orientação errada e sem base — que não irá decerto por diante.

O treinador único, tomando conta dos jogadores do princípio ao fim da época, infiltrando-se no seu ânimo e transformando-se aos poucos no seu conselheiro, afigura-se-nos o processo ideal e o que melhor serve a formação de uma verdadeira Seleção Nacional.

Esse treinador, tanto poderá ser estrangeiro como nacional, mas nós preferimos — como preferimos — um elemento português. Dir-nos-hão que, mesmo nos clubes nacionais de grande importância, só há hoje estrangeiros. Mas todos sabemos porquê...

Há treinadores portugueses tão bons ou melhores do que os estrangeiros contratados. Só não vingam, a maior parte das vezes, porque são muito conhecidos, não há pelas suas opiniões o respeito devido; pelo seu ensino o respectivo acatamento, numa palavra, porque são portugueses. Mas chega um estrangeiro, de bom jeito e palavreado simplesmente, e, às vezes, mais nada, e mesmo que cometa asneiras sobre asneiras, tudo se desbarata.

— «Ele que fez, lá sabe porquê...»

Ainda recentemente, todos ficamos a conhecer a excepcional competência de alguns treinadores nas soluções por eles apresentadas a respeito de problemas fundamentais dos grupos treinados. Repetindo «o que é português é mau, o estrangeiro é sempre melhor...»

A nós, custaria muito entregar a Seleção Nacional a um estrangeiro. Cada um tem a sua sensibilidade e a sua maneira de sentir. Bem sabemos que outros países o têm feito. O feleico Hugo Meisl foi buscar um inglês. Nem é preciso ir mais longe. A vizinha Espanha serviu-se do saudoso mister Pentland, há pouco falecido, o famoso «Bimba y Chimbina» na Olimpíada de 1924. Mas tal recurso só se justificaria entre nós, não havendo em Portugal um treinador à altura da missão. E não estamos, felizmente, em tais circunstâncias!

T. S.



Rosário escuta atentamente as indicações do treinador do Benfica



...E vê-se Rosário na afinação do pé esquerdo!

Quem diria a este rapaz — José David Rosário da Costa, de seu nome — que à volta da sua carreira de futebolista, iniciada há pouco, ainda, numa vila ribatejana, num clube de modesta repercussão local — tão modesta que findou para as competições oficiais — haveria de gravitar um mundo de interesses e de questões, destinado a fazer «correr rios de tinta»? Ninguém, decerto. Nem ele o acreditaria, tão despedido de fadiga é o seu todo simples, modesto, com seu ar de provinciano que apenas deseja que o deixem viver para o seu «eu», ignorante da maldade dos outros.

Vimo-lo no treino, no Campo Grande, sob a orientação de Lipo Hertzka, e não resistimos à tentação de trazer ao grande público as declarações que ele nos fez, passada a sessão a que se dera com todo o afim, com o desejo de aperfeiçoar mais as suas qualidades natas.

Temos procurado saber o «pé» em que se encontra o recurso interposto pelo clube das «águas»...

— Não sei de nada, diz-nos Rosário. Alguns afirmam que foi indeferido o recurso. Por outro lado, pessoas que lidam de perto com a resolução do caso, garantem-me que está por dizer a última palavra. Como vê... estou em branco.

— E se de facto, — voltamos nós, — for verdade o indeferimento? Temo-lo outra vez em Elvas?

— Não sei a que propósito. Ao Sport Lisboa e Elvas não poderei voltar a prestar o meu concurso, uma vez que ele deixou de existir.

— Há o que resultou da sua fusão, dizemos-lhe...

A resposta de Rosário é rápida e vigorosa:

— Não me interessa representar essa colectividade, por isso nunca envergarei a sua camisola. Foi encarnada a primeira que vesti, em representação dum clube, e encarnada há-de ser a última que me cobrirá o peito.

— E assim tão grande a força do seu «querer»? ... — arriscámos, com admiração.

— Duvidar dela é o mesmo que duvidar do ideal que anima os homens do Benfica. Aquele que um dia vestiu o «maillote» garrido a que se agarra o emblema encimado pela águia, há-de ficar pela vida fora a sentir os efeitos dessa honra.

Esta afirmação do jogador que temos na nossa frente, leva-nos a outra pergunta. — Se nunca vestiu outra camisola...

— Não, respondeu-nos. Até mesmo o primeiro clube em que alinhéi, há alguns anos na minha

«VIAGEM À VOLTA DUM ÍDOLO»

“Não saí de Elvas com bilhete de ida e volta. Nasci “Benfica” e “Benfica” quero acabar a minha carreira”...

...tais foram as declarações de Rosário à nossa Revista

terra, o Cartaxo, embora não fosse filial ou delegação do Benfica, tinha camisolas encarnadas, equipamentos «à Benfica»... Depois, quando o Lusitano, que era o seu nome, acabou, continuei, com o mesmo entusiasmo, no Sport Lisboa e Cartaxo. E lá estive, até este clube deixar de disputar provas oficiais, na A. F. Santarém.

— Surgiu depois a Sede, não?

— Exactamente. Pedi a minha transferência e ingressei nas fileiras do clube-mãe.

— Na categoria de honra?

— Só alinhéi no primeiro «team» num desafio sem pretensões, realizado em Almada. Aliás, nem era o 1.º «team», mas sim um misto. Todos os jogos que fiz foi em reservas. E isso é natural, pois nesse tempo me faltavam qualidades para me impôr como elemento de primeiro plano.

— Quando surgiu a ideia da sua ida para o S. L. Elvas?

— Parece-me que essa Filial precisava reforçar-se para a disputa do Campeonato Nacional e pediu jogadores à Sede. Entretanto, alguns dos seus elementos viram-me alinhar num desafio disputado no Campo Grande, contra uma equipa de Caneças, na mesma tarde em que a Filial se encontrava com a Sede para o Campeonato, e supinho que lhes agradei.

— Em que categoria alinhéi no seu novo clube?

— Na primeira. No encontro em que me estreei, contra o Oihansense, em Olhão, alinhéi a interior, Passei depois a extremo-esquerdo, e nesse lugar me conservei por toda a época.

Aproveitamos para inquirir das suas preferências.

— A força do hábito, elucida-nos Rosário, obrigou-me a criar «amizade» ao posto de extremo, mas não é ele o que prefiro, nem o de interior...

—?!?

— Costaria mais de jogar no eixo do ataque, mas nunca tive essa oportunidade.

Desviamos o rumo da conversa, e tentámos saber, porque tem sido esse um dos «leit-motivos» da questão debatida, as condições em que se efectuou a sua ida para o S. L. Elvas. Mas Rosário só em parte satisfaz a nossa curiosidade de indiscreto reporter:

—Entre as duas Direcções, ignoro-o. Não eram coisas que me dissessem respeito. Há um ponto em que posso garantir-lhe que ela assentou, porque disso fiz questão: o meu desejo de não envergá-la outra camisola que não fosse «à Benfica»... Quanto a mim, próprio, foi-me afixado que até ao fim dessa época me seria facultada a carta de motorista. O acôrdo foi verbal, é claro. Mas nem por isso deixei de achar menos digno de ser cumprido. Parece que se não pensou assim «por lá», e eu continuo sem ela.

—Por isso voltou?

—Por essa, e por outras razões. Mas, sobretudo, por esta: não quero outra camisola que não seja a do Benfica. Parece-me que ninguém me pode levar a mal. «Nasci» Benfica, e Benfica quero ser até ao fim da minha carreira.

—Mas... — insistimos — e o indeferimento ao seu pedido?

—Paciência... diz-nos Rosário, com um certo tom de abatimento. Diz-se na minha terra que «quem porfia mata caça». Tudo hei-de tentar, portanto, para que me deixem voltar ao meu clube, para que eu possa continuar a ser aquilo que quero: um «soldado» do Benfica. A Elvas não regresso. Não tirei bilhete de ida e volta. Morto o Sport Lisboa, não me interessa a cidade. Sei que se diz por lá que não alinhéi ainda, mas que alinharei no Nacional.

—Qual é a sua resposta?

—Esta: não contem com isso. Se ao Benfica deixar de interessar a minha colaboração, pela impossibilidade de eu voltar a representá-lo como ambicionado, há um caminho que não vai dar a Elvas, mas sim ao Cartaxo. Voltarei, se assim fôr, ao clube da minha terra.

TORNEIO OLIMPICO DE FUTEBOL, EM 1948

UM NOVO NOME PODE SURGIR NA LISTA DOS VENCEDORES — AS PERSPECTIVAS DOS CONCORRENTES TENDO EM VISTA O PASSADO E O PRESENTE

Por VERNON MORGAN

O mais atraente espectáculo das Olimpíadas do próximo ano será, provavelmente, o torneio de futebol. Neste artigo, Vernon Morgan, conhecido crítico desportivo — que pertenceu ao onze da Universidade de Oxford e do famoso clube de amadores «Corinthians» — passa em revista as probabilidades dos competidores que devem inscrever-se nos desafios olímpicos de futebol em 1948.

Os profissionais de futebol da Grã-Bretanha demonstraram que, não tem iguais na Europa quando venceram o onze do Resto da Europa, em Maio último, por 6 bolas a 1, no desafio que se realizou em Glasgow. Os amadores da Grã-Bretanha estão agora firmemente resolvidos a mostrarem-se superiores não somente aos amadores do continente europeu mas aos de todo o mundo, quando do torneio olímpico de futebol no próximo verão.

Espera-se uma vivíssima competição, com vista ao título, nesse torneio, e esses desafios devem ser os melhores espectáculos de todas as Olimpíadas. Ainda não foi decidido onde serão disputadas as partidas, mas as semi-finais e a final serão jogadas no histórico Estádio de Wembley, onde se disputa a final da Taça e onde se tem realizado já tantos grandes encontros internacionais, incluindo o Inglaterra-Escócia. Provavelmente, os jogos preliminares realizar-se-ão em Londres nos campos do Arsenal, do Chelsea, do Tottenham Hotspur e Fulham. É quase certo que todos os encontros serão disputados durante a tarde com a possível excepção do desafio final. Os clubes londrinos mostram-se sem entusiasmo quanto à cedência dos seus campos para os jogos preliminares principalmente pelos prejuízos que podem ser causados aos seus relvados numa época em que normalmente são necessários para os treinos de abertura da temporada.

Figuram no Torneio 21 países

Para as Olimpíadas de 1948 já se inscreveram 21 países. Deve lembrar-se a propósito que nos últimos jogos olímpicos de Berlim, no ano de 1936, tomaram parte apenas representantes de 16 países. Nessa ocasião a Itália bateu a

Austria por 2 a 1 na final, depois do tempo normal, num jogo de grande intensidade que se realizou no magestoso Estádio Olímpico da capital alemã. A Noruega conquistou o terceiro lugar derrotando a Polónia por uma bola. É digno de notar-se que muitos bons técnicos manifestaram a opinião de que a Noruega tinha o melhor onze do torneio e que a Itália, a vencedora casual, teve

pos que figuraram na competição.

Evidentemente, a Grã-Bretanha aprendeu uma lição, ou antes várias lições, nesses dois desafios, e acompanhando o jogo dos outros grupos. A principal lição foi de que é impossível aos jogadores da Inglaterra, da Escócia, de Irlanda e do País de Gales — era desses países que o Onze era constituído — jogar em conjunto sem um treino intensivo.

Abusa-se muito da expressão «amador»

Depois do torneio de 1936, os dirigentes oficiais do desporto britânico frizaram no seu relatório os seguintes três pontos: — a) — de que deve haver uma organização comum entre as quatro associações britânicas para as futuras Olimpíadas; b) — que a ques-



O histórico Estádio de Wembley, em Londres, onde serão disputadas as meias finais e a final do Torneio Olímpico de Futebol de 1948

muita sorte em derrotar esse adversário escandinavo por dois a um nas semi-finais.

A actuação do onze britânico foi fraca. A forma como venceu por dois a zero a China, na primeira volta, não permitiu agoriar bem do futuro e não surpreendeu portanto que fosse no desafio seguinte eliminada pela Polónia, a qual venceu por cinco a quatro. Os polacos, cujo onze incluía um jogador de renome, dispunham de um conjunto magnífico mas, como os noruegueses, tiveram a infelicidade de perder nas meias-finais. Quando a mim penso que os noruegueses e os polacos eram os melhores gru-

pos que figuraram na competição. E é difícil para os melhores profissionais trabalharem em conjunto com jogadores que se não conhecem, cujo estilo de jogo é absolutamente inédito. Para amadores isso é quase impossível.

Já este ano, por isso — cerca de 12 meses antes do próximo torneio olímpico, realizaram-se várias reuniões entre os quatro países ingleses para adoptar os planos afim de se apresentar no campo um Onze perfeitamente treinado. Não se pensa num grupo de 11 «estrelas» individuais mas de organizar um Onze compreendendo os melhores jogadores da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda e do País de Gales.

tão do torneio colectivo e da prática deve ser estudada de novo tendo em conta os regulamentos que dirigem os jogos de amadores; c) — que o sistema «W» para a linha dos avançados não é uma ideia feliz e que o velho método praticado por algumas das outras Nações, que se concentraram, com êxito, no ataque e não na defesa, é o melhor.

Podem considerar-se certo que esse relatório foi cuidadosamente estudado e que a Grã-Bretanha vai apresentar em campo um Onze digno das suas tradições desportivas e respeitando os regula-

(Continua na pág. 19)

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

IX — O salto em altura

A história do salto em altura no atletismo português é, no decurso da maioria dos anos, monótona e desoladora. As épocas passavam, mas os resultados assemelhavam-se; um recorde estabelecido em condições irregulares durava 23 anos e vela a ser batido por meio centímetro!

Especialidade muito difícil, de complicada e meticalosa técnica, tem sido pouco do agrado dos nossos praticantes, quase sempre em escasso número nos concursos.

Durante muitos anos o estilo de salto usado em exclusivo pelos portugueses, foi o do golpe de tesoura vertical, com corrida preparatória oblíqua, opondo-se ao salto de frente com golpe de rins, adoptado por muitos em virtude do hábito que impañha essa maneira de saltar nos concursos escolares, por ser considerada, não percebemos a que título, como a mais educativa.

Só em 1924, Vasco S. Bral Dias introduziu entre nós o estilo então chamado Lewlen, isto é o golpe de tesoura horizontal com imagem interna, que successivamente veio a ser melhor ou pior utilizado por Arradjo Teixeira, Pascoal de Almeida (na sua segunda fase de actividade), Adolfo Brito, Castro Cabrita e Luis Aguiar.

A pibreza do salto em altura em Portugal, com segura influencia da diminuta estatura da generalidade dos cultivadores, traduz-se no panorama dos resultados: em vinte e sete anos de competições, um único homem transpôs 1.^m80 e cinco outros excederam 1.^m70, que mais quatro atingiram. Agora, passados outros dez anos, o recordamentu, mas os progressos não acompanharam a evolução mundial: nove saltadores além do 1.^m80, dez outros entre esta altura e o 1.^m75.

Feitas estas poucas animadoras considerações gerais, começemos a examinar as páginas do nosso arquivo.

No dia 11 de Novembro de 1906, o Clube Internacional de Futebol promovia um certame atlético no antigo velódromo de P. L. H. A. cujo programa comprehendia seis provas, entre as quais o salto em altura, que Cecil Barley venceu transpondo 1.^m52 classificando-se segundo Fernando Pinto Basto, com 1.^m49.

Em 7 de Junho do ano seguinte, novo concurso com um conjunto de provas mais completo, triunfando o mesmo Cecil Barley com 1.^m61, seguido muito de perto pelo mesmo adversário, Fernando Pinto Basto, com 1.^m60. Por aqui se verifica como, nes-

ses tempos, a ascensão da barra se fazia moderadamente.

Em 1908 não damos conta de actividade atlética e em 1909 encontramos um concurso escolar (13 de Junho) no qual o aluno do Colégio Militar, Ferreira de Carvalho, ganhou o salto em altura com 1.^m60 e no mesmo dia, outro torneio no Porto, compreendendo duas provas de altura: uma para seniores, que Eduardo Damont Vilares venceu com 1.^m51 e outra para juniores, que pertenceu a Ivo Lemos, com resultado desconhecido.

A fundação da Sociedade Promotora de Educação Física Nacional, organizou o desporto até então disperso pela iniciativa particular, iniciou a série dos concursos officiais com a organização dos Jogos Olímpicos Nacionais em 1910, verdadeiro campeonato do país cujo programa admitia duas provas de salto em altura, com e sem corrida, cujos vencedores foram respectivamente Costa Rosado com 1.^m53 e Nobre Guedes com 1.^m25, resultados estes que são considerados como marcos iniciais na tabela dos recordes portugueses.

Esta interpretação não é na realidade exacta, pois já vimos que em 7 de Junho de 1907, Fernando Pinto Basto transpuzera 1.^m60.

Talvez fosse esta a razão — o desejo de ir buscar louros que eram seus — da sua presença no campeonato de 1911, do qual foi



Pascoal de Almeida, detentor durante 24 anos, do recorde português do salto em altura



Jacinto Montalvão, saltando no estilo de frente que nos antigos concursos era considerado educativo

vencedor com 1.^m62, ficando assim de facto recordista nacional.

O salto sem corrida foi ganhado nesse ano por Armando Cortezão, com 1.^m25; recorde igualado, no mês de Setembro seguinte, num torneio organizado em Paço de Arcos, sem carácter official, Salazar Carreira conseguiu passar 1.^m30.

Em 1912, sempre nos J. O. N. foram batidos os dois máximos: o do salto sem corrida, por essa grande e sadosa figura do desporto português que foi António da Silva Martins, com 1.^m35; e do salto com corrida por Fernando da Costa Cabral, que alcançou 1.^m64. Representavam ambos o Internacional.

A temporada de 1913 foi mais animada e assinala-se na história da prova pelo aparecimento de um dos mais famosos saltadores portugueses: Pascoal de Almeida. Na sequência dos factos que vamos resumir teremos ocasião de verificar uma predisposição especial dos atletas africanos para esta prova, mercê talvez de qualidades ricas de agilidade, muito teis nesta especialidade.

Pascoal foi o mais célebre dos elementos de uma família de atletas que comprehendia o irmão Pedro e o primo Demóstenes. Além destes três saltadores encontraremos ainda na sequência desta crónica os nomes de António Cabral, Pedro Viriato dos Reis, H. nório Costa, Espírito Santo, Matos Fernandes e Manuel Menezes, todos de sangue africano.

Citemos ainda e desde já, por curiosidade de confronto, que no período 1922-1923 surgia no atletismo uma outra família de saltadores em altura, os Montalvão — Jilão, Mário e Jacinto —, que, pormenor estranho, pertenciam cada um a seu clube: Internacional, Benfica e Sporting.

Ultimos, porém, ao nosso estado cronológico. O primeiro concurso inter-clubes do ano de 1913 foi o da Semana Desportiva organizada pelo jornal «O Mandado», por iniciativa do seu cronista desportivo, Ral da Cunha; como todos os torneios de então, incluiu uma

prova de salto sem corrida, na qual os dois primeiros classificados foram dois estreantes: o aluno da Escola do Exército, Carlos Santos, sob as cores do Sporting, com 1.^m42 e o estudante Pedro Viriato dos Reis, representando o Internacional, com 1.^m49. O salto com corrida trouxe a vitória a Costa Cabral com 1.^m65, seguido por Prestes Salgueiro com 1.^m62.

Os resultados dos vencedores não constituiram novos recordes nacionais porque, precedentemente, no concurso Inter-escolar se havia atingido máximos superiores: 1.^m67 por Costa Cabral e 1.^m455 por Pedro Viriato dos Reis.

Finalmente, nos J. O. N. os concursos foram diferentes. No salto sem corrida não houve surpresa e o favorito, Pedro V. dos Reis bateu, com 1.^m43 o mais directo rival, Carlos Santos, que ficou em 1.^m39. Mas no salto com corrida assistiu-se a uma curiosa derrocada de todos os prováveis, que não transpuseram 1.^m55, mínimo do concurso, deixando a vitória ao sportingista António Cabral, único a alcançar 1.^m60.

Após a prova, o jury consentia numa tentativa especial de Pascoal de Almeida, que faltara à chamada, conseguindo passar sem precalço 1.^m75, resultado que foi erroneamente admitido como recorde nacional.

Registemos ainda que no concurso Inter-escolar já referido, se disputava uma prova especial de salto em altura de frente, sendo obrigatória a passagem simultânea dos dois pés. Os rapazes do Colégio Militar eram exímios neste estilo e conseguiram a primeira classificação por intermédio de Lanza de Moraes, que alcançou a bonita altura de 1.^m645.

O ano de 1914, apesar da cisão que separou em duas faixas os praticantes do pobre atletismo nacional, foi dos melhores no conjunto dos resultados obtidos no salto em altura, resultados que até muitos anos volvidos não voltaram a repetir-se.

(Continua na pág. 12)

Salazar Carreira

Neste belo documento fotográfico veem-se doze jogadores em movimento, e todos interessados no lance! A jogada de ataque do Benfica morreu nas mãos de Sebastião, e Mário Rui perseguia a bola até o último instante!



A derrota do **BENFICA** no ESTORIL!



O 1.º goal do Estoril! Dots avançados entram nas balisas, dando a impressão de que a luta continua mesmo portas adentro...



Arsênio, num lance individual! Sebastião intervirá dentro de pouco tempo...



Rogério lançou-se à bola, e a fotografia não nos diz o que se passou depois.

Fotos BARATA



Uma correcta e magnífica attitude de Sebastião, apesar da ameaça dos adversários.



BEN BAREK

No domingo, no velocípedito Parc des Princes, sempre que o meia-esquerda do Stade Français, Ben Barek, intervinha numa jogada com um dos seus toques súbitos ou finas desconcertantes, um espectador, postado à minha frente, murmurava:

— O negro que vê claro. Fui ver o jogo Red Star-Stade com interesse. Não só por se tratar do primeiro encontro a que assistia em França no decurso desta época, como ainda porque estamos a pouco mais de um mês do Portugal-França.

Tanto quanto é possível avaliar em hora e meia de jogo e, dado o devido desconto às posições modestas que os dois clubes ocupam actualmente na tabela da classificação, não me parece que por aqui tenha havido progressos de há dois anos a esta parte.

A equipa do Red Star, base da selecção de Paris que nos visitou

BEN BAREK

O NEGRO QUE VÊ CLARO

Francisco Silva, antigo dirigente do Sporting, que, no jornalismo desportivo, conta já alguns trabalhos de verdadeiro mérito, de passagem por Paris, de onde seguirá para a América, mandou-nos a oportuna crónica que publicamos, e que se seguirão outras enviadas da grande nação norte-americana. Francisco Silva é um jornalista que sabe observar, que tem personalidade e sentido do que interessa. As suas modelares crónicas — temos a certeza — serão muito apreciadas.

no ano findo, deixou-me mesmo impressão desoladora.

Um jogador, porém, encheu o campo: Ben Barek. A frase feliz a que acima aludo sintetiza realmente a sua actuação. As jogadas que se afiguram mais complicadas tornam-se facilísimas e simples quando a bola lhe chega aos pés. Pussuidor, dum magnífico toque de estético executa fintas desconcertantes daquelas que, ou deixam o adversário pegado ao terreno ou o obrigam a seguir caminho oposto ao da bola. E o «maestro da banda». A meio do terreno, então, teve jogadas primorosas. Desmarca-se amíúde ocorrendo muitas vezes à extrema direita para tirar centros bem medidos.

Na grande área, porém, ou porque o espaço é menor para manobrar ou ainda porque os adversários entravam nessa zona com mais vigor, o seu trabalho rendeu menos.

Se bem que, no princípio do segundo meio-tempo tenha arrancado um grande *shot* que embateu na trave é, quanto a mim, si que reside o seu ponto fraco. Como tem a preocupação de não levantar a bola, os pontapés saiem-lhe

a razar o terreno, com a bola chegada à relva, o que, de certo modo, atenua a força do disparo.

O Stade ganhou muitíssimo bem por quatro golos sem resposta.

Além de Barek distinguiram-se também o extremo esquerdo do Stade, Nyers. Parece-se, a jogar, com o nosso Jesus Correia. É um pouco mais forte mas a velocidade deve ser semelhante. Marcou dois golos o segundo dos quais foi do «arco da velha». Começou a correr desde meio campo ao lado da defesa que o marcava, chegando a meia dúzia de metros da baliza já com comportável avanço para disparar para onde lhe apeteceu.

Do Red Star será melhor nada se dizer.

E para terminar convém voltar ao assunto do princípio para dizer que, em face da sua forma actual, não me parece que o seleccionador francês deixe de incluir a Pérola Negra no próximo «team» representativo da França.

E, isso, para nós, pode ser muito perigoso.

Mas, também, pode ser que não seja...

Francisco Silva

PUGILISMO PROFISSIONAL

A última sessão do Parque Mayer

Tem acontecido muitas vezes, tanto em combates de boxe como noutras competições desportivas, que dos mais prometedores *matches* surjam verdadeiros descalabros e, igualmente, que brilhantes desafios se realizem partindo de programas insignificantes.

Não serve este comentário, todavia, para isentar as responsabilidades de quem quer que seja na realização do espectáculo de quinta-feira última, levado a cabo no Estádio Mayer, mas seria injusto não sublinhar essa circunstância e pô-la em foco.

Foi uma jornada nociva para a propaganda do pugilismo. Em princípio, a inclusão de Beni Levi, decedente mas popular em extremo, contra um adversário fácil, admitia-se. A comparência do lutador José Luís, afastado das lides e da ética desportiva, propenso a transformar o ringue num logarejo de escândalos, isso, passou das marcas e não admite contemplações.

Para salvar o pouco que resta ao boxe, de decência e seriedade, não podemos transigir em espec-

táculos de tal natureza. Foi notória e inofensível a preocupação do espanhol Nusas, oferecendo o queixo à viva-força, para que José Luís obtivesse uma fácil vitória, como foi, depois, claro o seu propósito de bater abaixo da cintura, em zona proibida, para provocar a derrota.

O árbitro, José de Araújo, actuou com acerto, desclassificando os dois pseudo-jogadores. Não fora a sua intervenção, o espectáculo tornar-se-ia degradante e insustentável. Esse serviço lhe ficará devendo todos os interessados...

Beni Levi triunfou sobre Sasot mas o seu trabalho foi tímido e sem relevo.

Sempre na defensiva, movendo-se com agilidade, cobrindo-se mal, pobre de iniciativas, deixou ao espanhol todo o benefício da pontuação durante os seis minutos iniciais. No terceiro *rond* teve um rompante à antiga, que durou pouco tempo. Aliás não era preciso insistir pois Sasot, esgrimindo com escola, não mostrava poder suficiente para importunar o atleta moçambicano. Ao sexto as-

salto, o trabalho dos punhos de Levi, ao estômago, já tinham fadado suficientemente o pugilista estrangeiro e, então, tornou-se propício acabá-lo de vez, com socos à cara. Sasot caiu três vezes, duramente tocado, e o árbitro suspendeu o desafio em boa ocasião.

O melhor combate de noite disputaram-no Cruz Passos e Manuel de Sousa. Passos, combatendo em força, dominou sempre e teria conseguido ganhar por K-O se tivesse mais técnica e menos precipitação nos golpes decisivos. Sousa mostrou-se rijo e bom encaixador mas incapaz de se adaptar às circunstâncias.

A decisão do árbitro, anunciando o empate foi outro descalabro, a desacreditar desnecessariamente a regularidade do combate. Passos mereceu a vitória por pontos e foi notório que dominou, em quasi todos os períodos do jogo.

A abrir efectuaram-se dois combates com a participação de amadores. No primeiro, para exame de suficiência, Alberto Nunes (60 kg.) venceu o veterano Alberto Afonso (60 kg.) por pontos e no outro, o amador António Coutinho pôs fora de combate, ao 1.º *rond*, o seu adversário, Armando Pons.

Pons, colhido em «contra», caiu bem tocado e ergueu-se tarde, quando o árbitro já havia profereido a palavra «dexlo»

R. B.

Ecoss...

Diz-se, ainda a propósito de Rogério Contreiras e da sua inclusão na lista dos elementos a preparar para a futura Seleção Nacional, que não tem o mais pequeno visio de verdade a «noia» vinda a público, que o dava como tendo alinhado em tempos no Cascalheira. Dá-se, até, a coincidência do referido jogador nem sequer conhecer o clube, senão de nome, que dizem ter representado. Fantasia... Pelo visto!

Tem merecido acerbos comentários o tratamento ultimamente adoptado pelos clubes — ou por alguns seus dirigentes — para com jornalistas que pretendam, nas cabinas, colher elementos referentes aos jogos disputados. Quanto a nós, já em relação a três, vimos a nossa missão dificultada: Sporting, Oriental e Benfica.

A massa associativa do Alhandra S. C. tem manifestado o seu desagrado pela decisão superior de fazer que o seu clube dispute o torneio da 3.ª Divisão da A. F. L., organismo em que a agremiação nem sequer estava filiada.

Da decisão tomada em relação ao Alhandra S. C. veio a beneficiar «Os Leões», de Santarém, que — embora na época finda não tivesse alcançado posição para isso, se vê a disputar o Nacional da 2.ª Divisão — que foi o 2.º classificado no último campeonato do Ribatejo — se vê relegado, agora, para o campeonato da 3.ª Divisão.

Não tem fundamento — é o próprio atleta que não lo diz — o boato posto a circular na semana finda de que José Martins irá a França disputar provas de ciclismo no final da presente temporada. Pelo menos, até à realização do próximo Portugal-França, em Julebøl, é prematuro tudo quanto se afirma.

Uma notícia que deve encher de satisfação os amadores de sensações fortes: ha probabilidades de reacender-se a luta Nicolau-Trindade, que tantas jornadas emocionadas proporcionou ao desporto. Basta que o filho do simpático A. Trindade dê corpo às informações que nos chegam. Quanto a Eduardo Nicolau — o filho do outro não menos simpático — o rapaz do pedal — podemos garantir que dentro de 2 anos se apresentará a disputar pronomas em Lisboa, envergando a camisola que seu pai tanto honrou.

Consta-nos, com certos visos de verdade, que os clubes populares pensam dirigir-se à A. F. L. solicitando tratamento igual ao que foi dispensado aos seus congéneres da linha de Sintra, proporcionando-se-lhes a faculdade de poderem afirmar-se como «filhos da mesma família».

João Vieira que se encontra no Rio de Janeiro, muito saudosos das coisas desportivas de Portugal escreve o seguinte para um amigo em Lisboa:

— Se necessitar de algumas notícias do qual é só dizer. Se quiser dizer aos seus leitores alguma coisa sobre Rogério, pode dizer que não tem sido muito feliz, não que não tenha convencido. Primeiro apareceu um ponta esquerda que julgamos melhor; segundo, é muito difícil adaptar-se à tática de jogo empregado pelo técnico do Botafogo; e terceiro a muita política com o rapaz. No entanto tem feito primorosos jogos na reserva (que aqui se chama de aspirantes) e domingo próximo actuará no primeiro team, tendo esta semana feito um treino que deixou todos de boca aberta. Eu, que só aqui me encontro há dois anos, e que o conheci em Lisboa, continuo a acreditar nas possibilidades dele (e como eu todos os portugueses aqui radicados).

Ares de Espanha

Um clube espanhol, o Ginástico de Tarragona, que ascendeu esta época à Primeira Divisão, resolveu como meio de atrair o público baixar o preço das entradas, e o certo é que o expediente parece resultar...

Várias frases demonstrando que Paquirri, o avançado-centro do Sevilla, é um inimigo fidal das táticas.

— Isso das táticas é mais difícil do que ser examinado em física, trigonometria e botânica ao mesmo tempo.

— Isso da W M como a de X Y Z são coisa mal indicada para os ingleses, ou escoceses, ou para qualquer desses que não têm nada que fazer. Para triunfar no mundo, não há mais que dinheiro e dinheiro, para vencer no futebol basta coragem, coragem e coragem.

Há 26 anos que o treinador inglês, mister Pentland, se encontrava em Espanha. O bom treinador, agora falecido, desempenhou o seu cargo técnico em muitos clubes, de Santander, de Madrid e de Sevilla, mas foi sobretudo no Atlético de Bilbao que notavelmente se destacou.

Uma singularidade: usava coco, e os jogadores davam-lhe cabo do chapéu por cada campeonato ganhado...

Afinal, o internacional Epi convenceu-se a assinar a ficha e a alinhar no Valência. Deixou-se convencer pelos seguintes argumentos: 65.000 pesetas para esta época, 65.000 para a próxima e um desafio de homenagem num mínimo de 50.000 pesetas.

Era difícil encontrar melhor argumentação.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

CONTA-GOTAS

Para reintegrar o futebol na sua pureza, a Federação Espanhola resolveu adoptar uma Tabela pesada de sanções para os jogadores-delinquentes e modificar o processo de nomeação dos árbitros, hoje por sorteio.

O nosso conhecido Ramon Melcon, já por duas vezes arbitrou em Madrid, conseguindo trabalhos perfeitos e imparciais.

Mas está a suceder um caso curioso, que é o seguinte: os jogadores, temendo os castigos, encolhem-se de tal forma que há quem manifeste a opinião de que, seguindo nessa esteira, o futebol espanhol perderá grande parte da sua eficácia e beleza. A carga com o tronco, da cintura para cima, para afastar ou desequilibrar, há-de ser sempre um elemento do futebol.

Quere dizer, a violência dos jogadores provocou sanções fortes; e estas conduzem a um novo mal. A situação não deixa de ser curiosa...

O aspecto do futebol de Coimbra não é animador. Entre os dirigentes e os dirigidos parece haver um mal-entendido que afecta a Organização e prejudica o interesse dos filiados. Por outro lado, um Torneio promovido pela Associação abre de par em par as suas portas e ninguém as transpõe. Porque os dois melhores teams, a Académica e o União ficaram de fora.

Quando escrevemos, talvez a tranquilidade reine novamente em Coimbra. Seja como for, parecia-nos impossível que os 2 melhores de Coimbra estivessem sem jogo — até o Campeonato Nacional. Basta o que basta!

No Brasil, como solução para o problema de arbitragem, tentou-se a elevação do respectivo prémio. Há, de certo, em Portugal, quem pense da mesma forma, considerando que uma arbitragem de prémio alto alirará as pessoas mais aptas e cultas.

Mas nem todos assim julgam! O categorizado jornalista brasileiro que adopta o pseudónimo «Olympicus» escreve que:

— O árbitro deve ser renumerado, mas antes de mais nada deve convencer-se de que é um servidor do desporto; sua missão precisa ser igual à do dirigente. Não podemos dar, absolutamente, a um juiz, mentalidade de um funcionário que vai desempenhar a sua missão apenas para ganhar a vida... Não; o juiz, antes de tudo, precisa de ter alma de desportista, precisa de se compenetrar de que a sua missão não é material e muito mais é necessário evitar-se que um árbitro de futebol pense em sua vida particular com o dinheiro que irá ganhar para arbitrar.

O jornalista conclue, dizendo que a medida de elevar o prémio de arbitragem não resolve o problema. Talvez tenha razão.

CORRE QUE...

Segundo um jornal de Coimbra, o jogador moçambicano Mário João Monsaço, de 19 anos, que veio do Sporting de Lourenço Marques e ingressará na Académica, foi abordado à sua chegada a Lisboa por um dirigente dum dos Grandes, mas conseguiu escapar da abordagem...

Os jogadores da Cuf já ingressaram em vários clubes. As últimas notícias dão-nos Manuel Passos no Sporting. Passos, a jogar, será rodeado de todos os cuidados possíveis e imagináveis.

O treinador Manuel Alexandre que, em vários clubes tem desenvolvido útil acção, actualmente no Futebol Benfica, foi convidado pelo Atlético para ali exercer o seu cargo técnico.

O Valência, por intermédio da Federação Portuguesa, disse se havia algum clube disposto a jogar ali no passado domingo. Responderam o F. C. do Porto e o Elvas, cada qual com suas condições. O Valência preferiu o Porto, apesar do maior ónus. Talvez já esteja arrependido...

O Beira-Mar de Aveiro recorreu, muito justamente, para o Conselho Fiscal e Jurisdiccional de uma decisão da Federação, que não dá ingresso ao clube na Segunda Divisão, quando o certo é que pelo novo Regulamento e as Bases que o precederam, esse direito é conferido ao clube recorrente. Deve ser feita justiça aos aveirenses que tem um passado de trabalho e de desportivismo.

O recurso apresentado pelo Benfica a respeito da transferência de Rosário foi considerado improcedente. Portanto o referido jogador continuará qualificado pelo clube de Elvas.

Há resposta para tudo...

P. 564 — Gostava que me informasse qual destes dois «keppers» é melhor: Fernando, do Oriental, ou Celso, do Torreense? (De um Torreense da gema).

R. 564 — Não conhecemos o guarda-redes do Torreense, de quem temos, aliás, boas informações, não podendo por conseguinte emitir um juízo com base.

P. 565 — Qual destes dois interiores está em melhor forma: Arsénio ou Vasques? (De J. X., Boanisteiro curioso).

R. 565 — Trata-se de dois jogadores que estão num bom momento de jogo.

P. 566 — Apostei com um amigo em como Araújo (interior-direito do Porto) jogaria pela Seleção Nacional nos próximos desafios internacionais, e ele objecta não agradar Araújo ao seleccionador; de quando muito, será suplente. (De um adepto do Porto, de S. Martinho da Guarda, Ponte de Lima).

R. 566 — Diga ao seu amigo que nós também estamos dispostos a apostar, do seu lado...

O treinador espanhol Enciñas, que prestou serviço na Seleção Espanhola, e que se encontra em Londres, escreveu uma carta ao actual seleccionador Guillermo Eizaguirre, que levantou a maior celeuma no vizinho país, sendo o treinador fortemente vergastado nas colunas dos jornais.

E, no entanto, Enciñas limitou-se a dizer a Eizaguirre:

— Há que mudar o nosso jogo por completo.

O centro médio, que nós outros buscamos que distribua jogo e faça aqueles passes tão bonitos aos extremos, não existe aqui. Aqui é um senhor que se pega materialmente ao avançado-centro, e a miúdo joga atrás dos defensas. Onde o avançado contrário queira ir lá vai ele. Assim, pois, não mates a cabeça buscando outro Ipiã; busca um defensa corpulento, que lhe dê bem com os dois pés e já tens solucionada essa papeleta.

la ardoendo tróia! Por uma micallinha, não foi o homem decapitado!



Sidónio joga a bola de cabeça para Albano; Feliciano e Figueiredo preparam-se para cortar o golpe!

SPORTING à CABEÇA!



Um bom defesa procede desta maneira! Azevedo, num mergulho, é protegido por Soeiro. Moreira está no chão, e F. Rocha vem ao lance!

NOTAS DO

BELENENSES-SPORTING

DIZEM que o futebol é um desporto de inverno contra-indicado nos dias de calor. Mas no domingo passado jogou-se...

COMEÇA o desafio nas Salésias. e logo o extremo Albano chocou nos pés de Vasco e deu umas bizarras reviravoltas no ar. Soubemos depois que se tratava de um número de circo ensaiado pelos dois jogadores!

QUANDO dois elementos, um alto e outro baixo, lutam um contra o outro, vê-se com mais clareza o que falta ao mais baixo mas especialmente o que não tem o mais alto!

A primeira fase das Salesias foi muito confusa! Por isso não chegou a ver-se nada...

NUM lance, próximo das balizas, quando dois belenenses perseguiram a bola, Azevedo defendeu sem hesitações a pontapé e a bola foi parar a meio do campo.

Prova-se, deste modo, que Azevedo sabe fazer uma coisa que os guardaredes ingleses também sabem fazer...

UM adepto belenenses de boa qualidade diz-nos antes de começar o encontro, que o extremo-direito Manuel Rocha era igual aos outros argentinos, isto é, tão bom como eles.

Recolhemos pacificamente esta opinião. E não nos custa nada acreditar que haja lá pela Argentina jogadores tão bons como este argentino do Belenenses!

A avançado-centro do Sporting alinhou Sidónio. Mas Peyroteo, o titular, também jogou. Numa das vezes que a bola saltou

pela linha lateral! aplicou uma cabeça certeira, e à Lawton, de cima para baixo...

Calculamos que semelhante intromissão não será fundamento bastante para protesto...

ENTE um homem chamado Feliciano e outro homem chamado Sidónio deram-se várias colissões...

Qual dos dois ficaria mais amolgado?

As opiniões dividem-se, mas nós achamos que é difícil escolher!

DE repente, sucedem coisas espantosas no futebol português...

Soeiro, o novato acabou com o mesmo fôlego com que começou; e também lá estava em campo um jogador chamado Moreira...

QUANDO Jesus Correia tem a bola nos pés — a terra estremece...

O Sporting teve uma sorte diabólica no passado domingo! Jogou num campo e venceu em dois lados!

T. S.



Uma fase curiosa junto das balizas de Belem! O guardarede, estendido na relva, procura ansiosamente agarrar a bola que está entre os pés dos belenenses — sem aparecer um pé sportinguista que a empurre!



Azevedo blocou a bola com segurança. Soeiro acorre, e Narelso não perdeu de todo as esperanças...



Fotos MANIQUE

Vital, e um companheiro, atacam vigorosamente o guardarede do Oriental. A sua expressão revela um esforço intenso!

O empate da TAPADINHA



Reis defende uma bola por alto, sob a protecção dos seus enérgicos defesas



Só raramente aplicaram os avançados do Atlético remates difíceis. Reis, no entanto, defendeu com acerto!

O CICLISTA ITALIANO FAUSTO COPPI

continua a ser o melhor estradista do Mundo!

Por JACQUES GROBBOIS

O ano passado, o campeonato do mundo em estrada, na categoria profissionais, foi ganho pelo suíço Hans Knecht, mas a ninguém restavam dúvidas de que o melhor homem nesta especialidade era o italiano Fausto Coppi. Este ano, o título mundial foi obtido pelo holandês Middelkamp, mas continua a haver unanimidade em reconhecer que Coppi não deixou de ser o melhor estradista. O significado duma vitória no campeonato do mundo em estrada é, portanto, muito relativo...

Sem dúvida, grandes campeões vestiram a camisola arco-íris, tais como Binda, Ronse, Guerra, Speicher e Magne. Contudo, outro tanto não se pode dizer quanto a muitos outros, que são os mais numerosos. E isso deve-se simplesmente ao facto dos campeonatos do mundo, amador e profissional, se disputarem a maior parte das vezes em circuitos escolhidos, muito mais por motivos finan-

ceiros do que por questões desportivas. Com efeito, interessa que a receita seja boa. Por isso, o circuito deve ser de acesso fácil e compreender, se possível, tribunas, condição primordial que guia a escolha dos organizadores oficiais. A questão do percurso, apesar de essencial, passa a ser secundária. E, geralmente, os campeonatos realizam-se em estradas magníficas e planas. Por conseguinte, não é para admirar que o melhor estradista não se possa impor. As duas últimas provas mundiais ilustram isso perfeitamente, visto que foram ganhas por especialistas de «critério» ou, segundo a formula belga, de «corridas de quermesse». Quais foram, por exemplo, as «performances» de Knecht e de Middelkamp nas grandes e «clássicas» corridas internacionais, como Milão-São Remo, Paris-Roubaix, Bourdeus-Paris, as Voltas de França e de Itália e o «Grande Prémio das Nações»?

Pouco importam os títulos oficiais, no domínio da estrada, pois que, a maior parte das vezes, não coroam o maior valor. Para designar o melhor estradista é preciso, pois, considerar o conjunto dos resultados de uma estação. Nos últimos dois anos, a escolha é fácil: Fausto Coppi domina o ciclismo da estrada como Joe Luis domina os «boxeuses» pesos pesados do Mundo.

Antes de começarem as competições internacionais, já Coppi batera o recorde do mundo da hora, em poder do francês Maurice Archambaud, aproximando-se dos 46 quilómetros, e ganhara todas as corridas clássicas italianas, com excepção da «Volta da Lombardia». Na época passada, as suas mais belas vitórias foram as que obteve na corrida Milão-São Remo, e em Paris, no «Mondial Trophée» e no «Grande Prémio das Nações». Este ano, depois de bater Bartali na «Volta de Itália», triunfou no Campeonato de Itália de perseguição, depois no Campeonato do Mundo desta especialidade e, finalmente, uma vez mais, no «Grande Prémio das Nações», depois de ter ganho, uma semana antes, o «Campeonato de Itália em estradas». Além da sua grande e espectacular vitória na «Volta de Itália», a sua «performance» no Campeonato do Mundo de perseguição foi sensacional: com efeito, Coppi obtem o título com uma facilidade incrível, correndo os 5 quilómetros no tempo extraordinário de 6 m. 16 s. 1/5! E não foi menor a que acaba de realizar no «Grande Prémio das Nações». Esta prova, criada em 1932 pelo jornalista francês Gaston Bénac, é unanimemente considerada como uma das mais difíceis e, portanto, das mais

significativas que existem. Disputa-se contra relógio, à volta de Paris, num percurso bastante acidentado e com 140 quilómetros.

As partidas são dadas individualmente de quatro em quatro minutos e é proibido aos concorrentes, quando se juntam, auxiliarem-se mutuamente. Por outro lado, cada corredor é seguido por um automóvel no qual se encontra obrigatoriamente um fiscal de corrida e são permitidas as mudanças de bicicleta, seja qual for a natureza do acidente. A competição, de um modo ideal regular, permite pois, infalivelmente, que o melhor homem se imponha. Por isso, o «Grande Prémio das Nações», para o qual são seleccionados os melhores campeões, é legitimamente célebre. O seu «palmarès» é, de resto, eloquente, pois que compreende os nomes de Maurice Archambaud, «ex-recordman» do mundo da hora; Antonin Magne, duas vezes vencedor da Volta de França, três vezes laureado da prova e ex-campeão do Mundo; Aimar, um dos mais extraordinários «roladores» que o desporto ciclista conheceu; Idée, o melhor estradista francês desde 1945; Rossi o grande campeão italiano que detem o recorde da maior velocidade horária, média realizada numa corrida em estrada com mais de 200 quilómetros; Somers, belga, duas vezes vencedor de «Bordeus-Paris», etc.

Este ano, Coppi era ainda, muito naturalmente, o grande favorito das «Nações». Opunham-lhe, contudo, Emile Idée, campeão de França, que, no ano passado, na mesma prova, o obrigará a dispender os maiores esforços para o vencer por pouco; o jovem belga Impanis, cuja classe é deslumbrante, e o seu compatriota Somers.

Desta vez, efectivamente, não houve competição, para falar propriamente, de tal forma a superioridade de Coppi foi grande. Pouco depois da partida, tomou a cabeça da corrida e aumentou constantemente a sua vantagem, para terminar no Velódromo do Parque des Princes com um avanço de 8 m. 15 s. sobre Idée, 9 m. 8 s. sobre o seu compatriota Magni, 12 m. 12 s. sobre o francês Riolland, campeão do Mundo, amador, de perseguição em 1946, etc. Quanto a Impanis, muito desanimado, terminou em 11.º lugar, a 18 m. e 50 s. de Coppi. Somers abandonou a prova.

Uma tal vitória sobre homens desta classe indica bem a superioridade actual do «campeoníssimo» italiano nas corridas em estrada. Esta superioridade é idêntica, aliás, no que diz respeito à perseguição. Fricamos também que a média horária



realizada por Coppi nos 140 quilómetros deste duro percurso, sem beneficiar de qualquer ajuda, como dissemos, foi de 38 kms,456! Apenas um homem fez melhor do que o italiano no «Grande Prémio das Nações». Esse homem foi Antonin Magne, que em 1934 cobriu os 140 quilómetros do mesmo percurso em 3 h. 35 m. 58 s. (38 kms,897 de média horária), contra 3 h. 38 m. e 25 s. de Coppi, este ano. É verdade que Magne também foi um grande campeão...

Coppi, alto, magro, ágil, mas forte, é, com efeito, um atleta dum valor transcendente. Tão bom no pista como na estrada, trepador e roldador extraordinário suficientemente rápido para triunfar ao «sprint», o italiano domina todos os outros campeões actuais da sua modalidade. Todavia, os que devem ser citados imediatamente após ele são os franceses Idée, Robic, Fachleitner e Teisseire, os seus compatriotas Bartali, Ronconi e Ortelli, os belgas Serco, Impanis e Schotte e o suíço Kubler, todos homens de muito grande valor e, incontestavelmente, os melhores estradistas do momento. Mas o ciclismo possui em Coppi um super-campeão...

É certo que o italiano participará ainda, na próxima época, em grandes corridas internacionais. Fazemos votos por o ver à partida de provas como Paris-Roubaix ou Paris-Tours e principalmente da «Volta de França». O seu «match» contra Robic, vencedor este ano da maior corrida do Mundo, Fachleitner e outros como Impanis, deve ser sensacional!

J. G.

World Copyright 1947 by A. P. P. Paris

(Todos os direitos reservados)

ATLETISMO

(Continuação da página 6)

O concurso mais fraco foi o dos Jogos Olímpicos, cujo vencedor, Manuel Correia, venceu em 1.º 1967. No campeonato dos estudantes o salto com corrida e a prova de 100 metros, vencendo o aspirante-médico Costa Cabral com 1.º 1973, seguido por Manuel Correia com 1.º 1970.

Nobre Guedes ganhou o salto sem corrida com 1.º 1940, classificando-se António Martins em segundo lugar com 1.º 1937.

Finalmente, nos Jogos Desportivos, organizados pela Federação que reúne os clubes dissidentes da Sociedade Promotora, Pascoal de Almeida melhorou o seu recorde, elevando-o para 1,75 metros.

Seu irmão Pedro ganhou a prova sem corrida com 1.º 1941, batendo Nobre Guedes por dois centímetros.

Note-se que neste torneio se disputa um pentatlo que compreendia uma prova de salto em altura, facto um tanto estranho perante os regulamentos clássicos; Prestes Salgueiro obteve o melhor resultado com 1.º 1963, saltando Correia Leal 1,60 metros.

(Continua)

S. C.

NOTA DA SEMANA

Os acontecimentos mais salientes da última quinzena constituíram uma nota triste e fúnebre, pouco propícia à celebração de conceitos ou à evocação de proezas clássicas, como as que subsistem através das idades e marcam as origens de várias diversões desportivas.

Embora furtando-nos a ideia de tornar tipicamente necrológicas estas breves e desalinhasdas regras, é impossível recusar diante da crueldade dos factos. Foram eles, primeiramente, o terrível desastre ferroviário ocorrido perto de San Sebastian, no qual perdeu lamentavelmente a vida o jovem campeão de Espanha de boxe, Agustín Mendicutte, e esteve em sério risco de o acompanhar na tragédia o presidente da Federação Regional da Guipuzcoa, Gonzales Pintado; em segundo lugar, a morte de um jogador de rugby, que em Houghton-Spring se lesionou de gravidade, durante um desafio amigável sustentado entre o clube local e o Sunderland, por causa da extrema dureza do terreno, preveniente das últimas secas; terceiro (como se não bastassem já estes factos para pôr uma nota triste na primeira quinzena de Outubro...) o falecimento do motociclista José Luís Garcia Agosti, durante a subida a Navacerrada, prova em que também saíram feridos de gravidade outros dois corredores.

Sem querermos carregar com tintas excessivamente sombrias um quadro já por si eloquente, temos, porém, que nos cingirmos à dura realidade citando o desastre que sofreu o tenista americano Ted Schroeder, quando viajava de automóvel, e outro, mais grave, de que resultou ser-lhe amputada uma perna, sucedido ao futebolista espanhol Ramon Mendendez Cortina.

há, nesta concentração de infaustos acontecimentos, alguma ilação notável que convenha pôr em foco? É possível, mas, se existe, não nos foi dado discerni-la.

Acima de tudo a fragilidade das coisas humanas e o mistério das coincidências, que parece um dom diabólico, ao prosocar, em tão curto intervalo de tempo, tantas e tão dolorosas decepções.

R. B.

ESGRIMA

A Dinamarca vence a G. Bretanha

Os esgrimistas dinamarqueses derrotaram os britânicos numa competição de espada, que se realizou em Copenhague, totalizando 16 vitórias contra 7 dos seus competidores.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

EM ESPANHA

A semana passada foi fértil em desafios de boxe. O mais importante disputou-se em Barcelona, na Praça Monumental, estando em jogo o título de campeão dos leves e sendo adversários José Valdés, recente vencedor de Levi, e J. Alvarez Rodriguez, mais conhecido pelo pseudónimo de «Revertes».

Depois de um desafio equilibrado, durante o qual o ímpeto e o poder do pretendente foram subjugados pela técnica e assassinação de Valdés, o árbitro profereiu o empate.

Na mesma sessão, José Ferrer combateu Mendicutte, campeão dos

«médios». Ferrer esteve no solo por 7 segundos (3.º round), depois de levar um soco ao estomago, e foi dominado. O árbitro, porém, optou pelo empate, com prejuízo do titular.

O combate de fundo, entre o argentino Lowell e o dinamarquês Nielsen findou ao 6.º round. Lowell, muito ágil e conhecedor, dominou o *match* apesar da robustez do campeão da Dinamarca.

Garcia Alvarez, posto K-O!

O científico «meio-médios» espanhol Garcia Alvarez, actualmente em Cuba, para onde foi em 1946, acaba de sair derro-

tado por K-O. Oposto ao negro Cocoa Kid, veterano peso médio que em tempos (1940) disputou o título mundial dos semi-médios, saiu do ringue vencido ao 6.º assalto.

Alvarez foi dominado desde o início por um adversário mais experimentado e mais potente.

Cerdan triunfa novamente

No Forum, de Montreal, o já famigerado Cerdan obteve outra vitória mais retumbante do que significativa. Foi seu antagonista o jovem americano Billy Walker que em 165 segundos apañou perto de 60 muros e deixou a arena com duas costelas fracturadas, sem contar outras equimoses.

O publico canadiano deirou, evidentemente.

FUTEBOL, em Inglaterra

O famoso clube londrino Arsenal continua na dianteira da classificação dos vários competidores que pertencem à primeira divisão da Liga de Futebol. Exactamente como em 1930, é ainda o poder da sua inabalável defesa o esteio dos seus triunfos. Até agora só consentiu cinco tentos em onze partidas já disputadas e se assim continuar baterá o recorde estabelecido em 1937-38, que é de 44 tentos em 42 desafios.

Vencedores do Aston Villa, graças a um golo discutível que Rooke marcou aos trinta minutos, o Arsenal vai no próximo sábado enfrentar o mais árduo problema: jogar contra os Wolves, fora de casa, e sem o concurso dos seus dois defesas, Scott que alinha pelo *team* de Inglaterra que enfrenta a Gales e onde o outro defesa, Darnes, figurará também.

Estamos convencidos de que agora será, isto é: o Arsenal perde com certeza. Todo o benefício do resultado cairá ao Preston North End, vencedor do Manchester City por 2-1.

Entre estes dois grupos, Arsenal e Preston, e os clubes seguintes regista-se agora um largo intervalo, em virtude do fracasso dos Wolves, derrotados pelo Charlton (5-1), inferiorizado por causa das lesões do seu guarda-redes, Williams, e da supremacia do Burnley sobre Blackpool (2-1).

O Grimsby produziu a surpresa da temporada ganhando ao Manchester United (4-3), e o Liverpool convenceu os seus partidários ao derrotar o Chelsea (3-0). Lawton foi neutralizado por Hughes e Carney impulsionou a linha dianteira dos liverpoolenses.

A seca tem originado várias lesões por motivo da grande dureza dos pisos e o médio-centro, Horton, do Blackburn, foi uma das vítimas dando azo a que o Stoke vencesse por 2-1.

O Huddersfield e o Everton foram dois dos grupos que ganharam fora de casa. O primeiro desfez-se do Bolton (5-1), e o outro dispôs do Middles, por 1 bola a zero.

No sul da Gales reina grande entusiasmo, por causa do comportamento brilhante do Cardiff City, classificado em terceiro lugar na 2.ª Divisão, logo atrás do West Bromwich Albion e do Birmingham City. Julga-se que no fim da época transite para a 1.ª Divisão, proeza que tornou célebre o Charlton, quando subiu da 3.ª à 1.ª em duas épocas sucessivas.

Cardiff venceu agora o Luton Town pela mínima diferença.

Mas o Arsenal não perdeu...

Foram os seguintes os resultados dos desafios de futebol de hoje da 1.ª Liga Inglesa: Aston Villa-Sheffield United, 2-0; Blackburn Rovers-Burnley, 1-2; Blackpool-Portsmouth, 1-0; Chelsea-Middlesborough, 4-2; Derby County-Bolton Wanderers, 2-1; Everton-Charlton Athletic, 0-1; Grimsby Town-Preston North End, 1-1; Huddersfield Town-Liverpool, 1-1; Manchester City-Stoke City, 3-0; Sunderland-Manchester United, 1-0; Wolves-Arsenal, 1-1.

No desafio de futebol entre o País de Gales e Inglaterra, este venceu por 3-0.

RUGBY

Os australianos em cheque

A selecção do Sul da Escócia travou um árduo duelo com os quinze componentes da equipa australiana, conseguindo chegar empatada em pontos, acinco minutos do termo do desafio.

Deve-se à persistência de T. Allen, que forçou a marcação de um «ensato», seguido logo de um golo directo, executado por Howell, a diferença bastante eloquente do marcador (15 a 6) no momento final do desafio, em benefício dos jogadores dos Antípodas.

TÊNIS

Jean Borotra em grande forma

O célebre jogador francês Jean Borotra, apesar das suas cincoenta primaveras, ainda não perdeu o dinamismo que o tornou celebrado há um quarto de século.

Durante o *match* anual que se disputa em terrenos cobertos, entre os clubes Internacionais de Tênis, de Paris e Londres, Borotra entusiasmou os assistentes vencendo todas as provas singulares e pares a que concorreu.

Contra Jack Harper, classificado entre a primeira dúzia dos bons requetas australianos, saiu vitorioso por 8/6 e 6/4. Em seguida, dispôs do polaco Tloczynski por 6/1, 6/2, actuando com tal galhardia e brilhantismo que levantou o entusiasmo da assistência.



Mesa de honra do banquete de despedida de Diamantino Vizeu, cujo retrato se vê entre as bandeiras de Portugal e do México, com a assistência do ministro e cônsul daquela República aonde o matador de touros português vai contratado para três corridas na Praça "del Torero", além doutras que ali e nos Estados possa tourear

A caminho do México e da fortuna

maneciam, a de bandarilhar touros corridos na provincia ou ajudar «diestros» estrangeiros, ou, pior ainda, de não saírem da trincheira, era, senão inglória, porque também se pode ser bom ajudante, pelo menos pouco produtiva. Até agora só um toureiro excepcionalmente económico podria juntar para a velhice depois de uma longa vida de profissional. E à vista estão numerosos exemplos de bons peões. Já sem faculdades, e sem dinheiro, à espera da pensão da reforma, quando a obtêm. Diamantino foi o primeiro toureiro português que teve automóvel — sem falar nos cavaleiros — Manuel dos Santos pronto terá outro, e outros podem tê-los, e fazer fortuna.

Além da satisfação que proporcionam aos «aficionados» portugueses, os toureiros portugueses já podem fazer fortuna. Que a esperança lhes sirva de estímulo, a todos, porque todos podem aspirar à fortuna.

Rogério Pérez

DIAMANTINO VIZEU vai já a caminho do México, em cuja praça «del Torero» se apresenta no próximo mês de Novembro, e Manuel dos Santos sai para ali por estes dias, para se estrear em Dezembro. Leva cada um três corridas contratadas, pela bonita soma de cem contos cada uma, além doutras que possam tourear naquela mesma praça da capital ou nos Estados. Diamantino alternará na primeira tarde com o bom toureiro mexicano Lorenzo Garza, e Manuel dos Santos receberá alternativa das mãos do nosso conhecido Carlos Arruza. A forte personalidade e a serena valentia de Diamantino deve impressionar os mexicanos.

O Manuel dos Santos deve agradar porque é do corte dos toureiros de que o México gosta. Que um e outro triunfem plenamente são os nossos mais sinceros desejos.

Registe-se desde já que os dois portugueses vão contractados em boas condições para a terra em que Simão da Veiga já triunfou em duas épocas de êxito. Sem atingirem a soma que ali vai cobrar Conchita Cintron — tres corridas a duzentos contos cada e mais um benefício — as cifras batem o record nacional e permitem amealhar bom dinheiro. Os toureiros portugueses podem ambicionar já à fortuna, sempre que enveredem pelo bom caminho. E este bom caminho é aquele que há 25 anos lhes apontámos numa novela em que o protagonista, um português, chega à alternativa. A situação subalterna em que ultimamente per-



Num intervalo das corridas de Santarém, Jálito Ginja representando a empresa da Praça "del Torero", do México, assinou com Patrício Cecílio o contrato do navheiro português Manuel dos Santos para três corridas, na primeira das quais, no dia 7 de Dezembro, tomará alternativa de mãos de Carlos Arruza, com touros de La Punta. Na mesma praça mexicana debutará em novembro o matador de touros português Diamantino Vizeu que alternará com o mexicano Lorenzo Garza

CASA PIA 2 - ARROIOS 3



Um jogador casaplano executa um golpe de cabeça, passando a bola a um companheiro



Um jogador do Operário ataca, e livra-se de um sacavenense...



A' entrada da grande área, a luta anima-se singularmente!



Agostinho, o guarda-redes do Sacavenense, defende em bom estilo e com golpe de vista

SACAVENENSE 0 - OPERÁRIO 1



Campeões africanos

Os dois campeões do Sul de Angola: Sporting Clube do Lobito (campeão do distrito de Benguela) e Ginásio Clube Torre do Tombo (campeão do distrito de Moçâmedes).

Esta foto foi tirada quando da visita do primeiro, a Moçâmedes.

Stadium na Província



O 1.º grapo do Futebol Clube do Abade do Neiva, cujo comportamento tem sido excelente: Da esquerda — João Rodrigues (Director), Martins 2.º, Alexandre, Mendes, J. Fernandes, Neiva 2.º, Queircz, Glória, Martins 1.º, Neiva 1.º, Silva, Brandão, Albino, (maçagiste) e o director Artur Jacques



A equipa de Lawn-Ténis do Caldas Sport Clube, vencedora da «Taça R. Santa Rita». Conquistou o campeonato Regional e tem obtido vitórias interessantes em encontros inter-clubes: Doutor Henrique Ministro, campeão das Caldas 1944/46, Doutor Calheiro Viçes (campeão caldense de pares e finalista de simples), José Augusto Silva, actual campeão das Caldes de singulares e pares, e jogador de laturo

O conjunto de voleibol do Colégio de Camilo de Castelo Branco, de Famalicão, que se tem afirmado nos torneios em que toma parte. Em pé, da esquerda para a direita: José Velloso, José Oliveira, Manuel Campos e Francisco Brandão; De joelhos — Manuel, António e Flávio Mesquita



O Grapo Desportivo do Seixo, que há pouco inaugurou um campo de j g s nam desalo de futebol com o Sport Lisbon e Neiva, do qual resultou um empate a duas bolas. No primeiro plano: Agostinho, Edaardo, Veiga, Mario, Fonseca e Guilherme. No 2.º plano: Rosário, Zémaria, Vinagre, Acácio e Ferreira. Estão também na foto: a «Madrinha» do grupo, D. Maria da Conceição Ribeiro Simões Costa e Vasquito, o «Mascote»

Comentarios

Escolas de Desporto

O problema da preparação da juventude para a prática especializada de qualquer desporto tem merecido as atenções da crítica desportiva, a qual reconhece com boa razão que o ensino preparatório deve começar bastante mais cedo do que o limite mínimo de idade, fixado para o início de entrada nas competições.

Todos os comentários até agora publicados visam em exclusivo o futebol, apontando a conveniência de aplicação de um interessante e bem organizado projecto, ao qual se liga a segurança de progresso técnico para o futuro da modalidade.

O critério, em si próprio, e inofensivo, mas ocorre perguntar — antes de tomadas decisões — se existe vantagem concreta em forçar a tendência preferente já existente nos moços pela prática do futebol ou se a medida, a tomar-se, deve ser de ordem genérica, abrangendo outras modalidades de maior valor formativo e menor perigo social, como o atletismo, a natação, o basquetebol, etc.

Parece-nos que expôr assim a questão equivale a indicar a boa forma solucionatória.

A intervenção das entidades superiores deve ser solicitada no sentido de conseguir-se a criação de escolas de desporto e nunca desta ou daquela modalidade.

O problema, aliás, não nos parece tão fácil de resolver como se supõe pois, tendo em consideração a idade dos visados, a sua solução não pode desprender-se totalmente da orgânica da Mocidade Portuguesa.

Haveria um fácil entendimento a estudar e as escolas de desporto seriam óptimos centros culturais; mas exclusivas escolas de futebol, abrindo caminho a tentações demasiado conhecidas e nem sempre aprováveis, não nos podem merecer o mesmo conceito laudatório.

A Taça do Mundo

Há cerca de um mês, quando o encontro Bélgica-Inglaterra reuniram em Bruxelas os dirigentes da FIFA, o secretário dr. Schriker apresentou a proposta de transferência da Taça do Mundo de 1949 para 1950, caso o Brasil, a quem foi confiada a sua organização, estivesse de acordo.

Os argumentos apresentados foram de ponderar, embora surpreenda que ninguém os invocasse há um ano, no Luxemburgo, quando a decisão foi tomada: a maioria das federações teria sérias dificuldades em mobilizar os seus efectivos em 1948 para os Jogos Olímpicos e em 1949 para a Taça do Mundo.

Na reunião do Conselho da Taça, celebrada em seguida em Amsterdão, o sr. Rous declarou que, no caso do Brasil não estar pronto para a organização da prova, a Inglaterra estava pronta a aceitar a missão.

Por outro lado estranha-se que os brasileiros nunca mais tenham escrito ou fornecido informações sobre o torneio que reivindicaram com tanto entusiasmo. Diz-se ainda que os estádios existentes no Brasil são pequenos e seria indispensável construir ou alargar instalações no Rio e em S. Paulo. Enfim, a nação sul-americana teria deixado sem resposta as solicitações que lhe foram dirigidas acerca do transporte das delegações por avião.

A única intervenção brasileira foi feita no sentido de conseguir que a fórmula da Taça fosse modificada, substituindo-se as duas meias-finais e a final por uma «poule» entre os quatro vencedores dos quartos de final.

Espera-se a chegada a Paris do presidente da Confederação Brasileira para resolver em definitivo o assunto.

As melhores marcas nacionais

Fornecemos hoje aos nossos leitores a segunda «folha» da lista das melhores marcas nacionais no fim da época de atletismo de 1947.

Corrida de 300 metros: 36,1 s. — Sampaio Peixoto (Ac) em 8-7-45; 36,5 s. — Glória Alves (Bf), em 14-8-38 e M. Raposo (Bf), em 12-7-41; 36,5 s. — Matos Fernandes (Bf), em 17-8-47; 36,8 s. — F. Povoas (FCP) em 16-9-44 e Artur Dias (Sp) em 22-7-45; 37 s. — João André dos Santos (Bf), em 6-7-40; 37,1 s. — Evaristo Silva (Sp) em 23-8-42; 37,2 s. — Barreiros Gomes (Bf), em 14-8-38; 37,3 s. — M. Colaço (Sp) em 1-7-44 e F. Casimiro (Bf) em 22-6-47.

Corrida de 400 metros: 50 s. — Sampaio Peixoto (Ac) em 27-7-46; 51 s. — Matos Fernandes (Bf) em 30-6-46; 51,2 s. — F. Bastos (Sp) em 11-8-40; 51,3 s. — Artur Dias (Sp) em 18-5-47; 51,4 s. — Barreiros Gomes (Bf) em 11-8-40; 51,7 s. — Domingos Canhão (Sp) em 27-7-47; 51,9 s. — João Jacinto (Sp) em 10-9-44; 52 s. — João André dos Santos (Bf), em 11-8-40 e José Vicente (Sp) em 2-9-45; 52,3 s. — Glória Alves (Bf) em 30-7-38.

Corrida de 500 metros: 1 m. 7,5 s. — Matos Fernandes (Bf), em 1-9-46; 1 m. 7,6 s. — F. Bastos (Sp) em 25-8-40; 1 m. 7,7 s. — D. Canhão (Sp) em 1-9-46; 1 m. 8 s. — Sampaio Peixoto (Ac) em 8-7-45; 1 m. 8,4 s. — Artur Dias (Sp) em 14-9-47; 1 m. 8,5 s. — A. Calado (Sp) em -5-44; 1 m. 8,9 s. — João Ferraria (Ac) em 11-7-37 e João Jacinto (Sp) em 14-9-47; 1 m. 10,4 s. — João André dos Santos (Bf) em 16-6-40; 1 m. 10,5 s. — Castelo Branco (Sp) em 1-9-46.

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALÁCIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Bom instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Itália)

Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Laboratório de análises clínicas. Ginástica Médica. Mensagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

CASINO:

Aberto todo o ano
Cinema - Concêrtos - «Dancing»-Restaurante-Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL



Luis Larginho Moreira

A PRIMEIRA *Larginho* entrevista de MOREIRA

Duelo de perguntas e respostas

— Como te chamas, onde nasceste, que idade tens e qual o teu estado e profissão? — foi a primeira pergunta.

— Luis Larginho Moreira, nasci em Aljustrel, tenho vinte quatro anos, sou solteiro e empregado no comércio, com carta de motorista: — respondeu-nos.

— Com que idade começaste a dar pontapés na bola? — interrogámos.

— Ao contrário da maioria dos rapazes, só por volta dos 15 anos comecel a interessar-me pelo futebol. Até essa idade o meu «fraco» era outro, — disse perante o nosso psmo: —

— Na meninice sonhei ser um grande campeão de ciclismo e com todo o entusiasmo dos meus poucos anos me dediquei à velocipédia, o meu grande entretenimento de todas as horas.

— Tomaste parte em algumas corridas?

— Sim senhor, em representação da casa de bicicletas Lourenço Colaço, tendo ganho várias medalhas. Claro que as corridas eram feitas em Aljustrel, portanto, com carácter local.

Voltámos ao assunto que nos interessava primordialmente e inquirimos:

— Qual foi o clube por onde alinhaste oficialmente?

— Pelo Portimonense Sporting Club, onde tive uma estreita auspiciosa.

Defrontámos o Lusitano, que vencemos por 8 a 1, tendo eu à minha parte marcado 5 bolas, ocupando o lugar de avançado-centro. Antes disso, já havia jogado em clubes populares, não me podendo esquecer o Vitória Futebol Clube de Aljustrel, que por assim dizer, foi o meu primeiro clube. Os lugares que ocupei foram sempre no sector dianteiro...

— Como vieste para o Sporting? althámos.

— A convite de um «ferrenho» dos «leões». Não calcula o meu contentamento quando me falaram na possibilidade de envergar a camisola do Sporting, clube pelo qual notria a mais viva simpatia e admiração. No Campeonato de Lisboa da época finda, estreei-me em reservas contra a C. U. F., no Lumiar A, desafio que vencemos, com merecimento, tendo sido um encontro rijamente disputado.

Desabafos e... aspirações

A conversa prossegue em tom de intimidade, como se o corpulento médio leonino, — uma bela estampa de atleta, alto e espadado, — não estivesse falando para um jornalista, mas sim para um conterrâneo, desfiando o rosário das suas recordações...

Soubemos, assim, que gosta muito de alinhar no compartimento inter-

mediário da equipa, que joga indistintamente com qualquer dos pés e que se sente em «climas» esplêndido.

Fala-nos com entusiasmo do irmão, Joaquim Larginho Moreira, — o maravilhoso extremo do Sporting Olhanense, — acrescentamos nós.

— Quando te disseram que alinharias na turma de honra, ficaste satisfeito?

— Quem o não ficaria! E' desejo veemente de qualquer jogador, alinhar em uma equipn de primeiro plano. Fiquei radiante, mas... quando entrel no Estádio, confesso-lhe, sinceramente, que me senti nervoso. Era a primeira vez que me via enquadrado no meio de tantos nomes que o público adora e celebrou pelo seu indiscutível valor. Mas, todos os meus companheiros me animaram e deram conselhos. Foram bons, muito bons para mim. Estou-lhes muito grato pelo acolhimento dispensado ao «novato», assim como ao maçagista, sr. Marques.

— Qual é, Moreira, a tua maior aspiração? indagámos.

— Fazr parte da primeira categoria. Reconheço que os titulares me tornam difícil a realização do que pretendo, porque estão lá por direito próprio. Mas não desanimo; trabalho cada vez com mais afinco, bem ajudado por Robert Kelly bom treinador, a quem estou reconhecido pelos ensinamentos que me tem ministrado. Continuarei a servir o Sporting com a mesma devoção, seja qual for a categoria em que me puderem a jogar.

Dois desafios que não esquecer e... uma garotice severamente punida

Qual foi o desafio que melhores recordações te deixou?

— Foram dois e não um, embora

o adversário fosse o mesmo, o Lusitano de Vila Real de Santo António.

No final do Campeonato da II Divisão do Algarve, campeonato que o Portimonense ganhou, derrotámos aquele adversário por 6-3 em sua casa e por 11-0 na nossa. Alinhando à ponta esquerda, meti uma bola no primeiro encontro e quatro no segundo. Nunca mais me esquecerão estes jogos...

— No tempo em que eras ciclista «furioso», não te surgiu qualquer facto que mereça citação?

— Também nunca mais o esqueci... Para entrar numa corrida, saí de casa sem autorização. Quando estava alinhado na meta, para partir, apareceu a minha mãe... e o resto é fácil de calcular. Que grande sova!...

PITTA CASTELEJO



O rei da selva não se zanga... é dócil para os amigos!



A entrevista prossegue... O nosso camarada vai fixando as declarações do jogador leonino

na capital do NORTE

MOSAICOS

nortenhos...

A viagem a Valência...

«Última hora», como é hábito, sendo a questão de transportes o motivo de maior embaraço.

As condições da Valência para a deslocação: Despesas de transporte, 300 pesetas diárias para cada jogador, 22 pessoas na caravana e 50 contos em dinheiro português.

Coisas que impressionam

Há dias chegou a uma papelaria determinado elemento, desportista conhecido — que pediu para ver a planta do futuro Estádio das Antas. Era acompanhado por outro, também conhecido, e sabiam da existência, nessa papelaria, do citado documento. O que queriam? Tirar uma fotocópia!

Isso lhe foi negado. Mas o caso surpreendeu quantos tiveram conhecimento do caso.

Há cada resultado!

O Académico, do Porto, foi jogar a Viseu, com o Académico, daquela cidade. Perdeu por 8-0! Já se sabe que o clube do Lima levou quase toda a sua «reserva». Porém, seja como for, a deslocação deveria merecer um pouco mais de cuidado e até de respeito.

Ir a Viseu perder por 8-0 não lembrava a ninguém — passe mesmo em julgado a subida de valor do agrupamento da Beira Alta.

Faltam desafios...

Quando o F. C. P. deixa de ter acção no campeonato ou fora dele — pronto, «morre-se» nesta cidade. Não há futebol. Todos os clubes param, e os animadores do jogo passam o dia no café, aborrecidos.

Depois queixam-se daqueles que apenas recordam o popular clube. Pois que se há-de fazer?

O F. C. do Porto viu-se e desejou-se para ir a Valência. Tudo se complicou à

Há dias chegou a uma papelaria determinado elemento, desportista conhecido

O Académico, do Porto, foi jogar a Viseu, com o Académico, daquela cidade.

Quando o F. C. P. deixa de ter acção no campeonato ou fora dele

CURIOSIDADES...

No Porto achou-se piada a várias convocações. Já nem se fala no facto de Araújo ser «provável suplente». Lamenta-se apenas que o leão Manuel Marques tenha ficado no esquecimento... Entretanto esqueceram Gastão...

♦♦ Eladio Vaschetto ministrou o seu primeiro treino. Os pupilos gostaram do treinador. A Direcção do clube, também. E o técnico argentino, segundo parece, saiu satisfeito... Bom sinal.

♦♦ Um médio do Boavista ganha lugar na Imprensa. Não faltam elogios ao seu desportivismo e outras coisas que tais. Registamos. Qualquer dia está o rapaz castigado!

♦♦ A Federação do Basquetebol anulou o castigo ao F. C. do Porto. Foram reconhecidos os direitos do popular clube, e, assim, está afastada uma questão grave.

♦♦ Pensa-se igualmente em reconduzir o F. C. do Porto para o ténis de mesa. O popular clube, porém, deseja ver esclarecida a situação do seu colaborador Português da Mata. Só depois disso resolverá o problema.

LOURENÇO

avanzado-centro

No último número da nossa Revista publicou-se uma notícia sobre Lourenço: que iria para Braga...

Ora nós não conseguimos perceber muito bem o motivo porque procura o F. C. P. alguns jogadores fora do seu ambiente, enquanto que deixa partir outros de boa qualidade e já integrados no meio desportivo e clubista.

E' o que se dá com Lourenço, que o ano passado fez parte da equipa B em Bordeus. Lourenço é um jogador muito útil, mesmo a avanzado-centro. Se o F. C. do Porto possui extremo-direito que lhe dá satisfação, de trais a mais muito jovem, julgamos que tal-

vez Lourenço pudesse conduzir poderosamente a linha avanzada, desviando o habilidoso Vergilio para a esquerda.

Lourenço conhece o lugar, e temos sérias dúvidas sobre o valor de outros em relação ao seu, quando ocupa o posto. Rematador, agil e duro, Lourenço tem qualidades que um bom treinador poderia aproveitar. Logo, abandonar um rapaz que pode preencher uma vaga, não nos parece razoável.

A experiência não custaria muito — mas uma experiência em forma e não como tantas que se fazem apenas durante 90 minutos...

FAMALCA

Farinha com extracto de malte e sais de cálcio (isenta de leite)

Mesmo em verdadeiros estados mórbidos do aparelho digestivo a farinha Famalca produz magníficos resultados.

A farinha Famalca é amilácea, maltosada e com sais orgânicos de cálcio e um poder nutritivo de 385 calorias por 100 gramas.

A classe médica aconselha a Famalca, por ser um produto indispensável às crianças e convalescentes

Um produto da Secção Diética da Fábrica de Chocolates Favorita

Todas as notícias nos afirmam que Eladio Vaschetto, treinador argentino ao serviço do F. C. do Porto, possui o dinamismo e a febre do homem de desporto, predilecto o que junta uma correção exemplar.

Estaremos por tanto em presença de um técnico que fazia falta no importante clube, que sempre primou pela escolha de treinadores à altura da sua categoria, embora algumas vezes se haja enganado...

Os treinos já principiam, e a um deles assistiu, até, uma multidão de curiosos, embora tivesse começado cedo. Isto é mais uma prova de que estão interessados na vida e no progresso da colectividade vários milhares de adeptos.

A impressão recolhida não poderia ser melhor. Etadio, que já falou para a Imprensa e se mantém na defesa do trabalho em profundidade, demonstrou nas primeiras sessões que conhece como poucos todos os segredos do jogo do futebol, bem como a sua concepção moderna.

Está-lhe entregue um grupo onde os jovens abundam. Aguardemos, portanto, algum tempo mais.

UM ACTO de justiça

Sim, foi um acto de justiça. A decisão da Federação Portuguesa de Basquetebol levantando a suspensão ao F. C. do Porto, embora não elimine os seus efeitos desastrosos, no campeonato passado e na «Taça de Honra», coloca pelo menos ao de cima a razão que assistia ao organismo portuense.

Lamenta-se mais uma vez que de animo leve se haja aplicado um castigo inoportuno e injusto. Que só mais tarde, muito tarde, até, porque o basquetebol portuense sofreu revez de categoria, fosse visto e revisto o caso.

Foi preciso que por motivos estranhos ao incidente tivesse de afastar-se a gerência que castigou tão implacavelmente, e que uma comissão em boa hora nomeada pelo sr. Director Geral dos Desportos resolvesse o assunto logo nas suas primeiras reuniões, — por certo bem avisada da violência cometida.

Nunca é tarde para reparar um erro. O basquetebol portuense foi mal tratado, sem dúvida alguma, deixou mesmo de cumprir com as suas obrigações, mas tem ainda tempo para reagir e esquecer a sua má época.

E, já agora, façamos votos para que alguns federativos, ou não voltem a cargos de gerência ou, se tal coisa não for possível, — pensem duas vezes antes de julgar determinados incidentes...

PORTUENSES
Assinem a STADIUM

Stadium

TORNEIO OLIMPICO

DE FUTEBOL, EM 1948

(Continuação da pág. 5)

mentos que se referem à classificação de amadores. Haverá incontestavelmente um treino especial para os jogadores escolhidos, ficando esse treino a cargo de um treinador de primeira ordem.

De todos os desportos do programa das Olimpíadas aquele em que os regulamentos quanto a amadores são mais esquecidos — é o futebol. Houve muitos jogadores que tomaram parte nesses torneios que não podem de maneira alguma serem considerados amadores no sentido restrito da palavra.

O que prejudica a questão é que compete às Associações Olímpicas dos países interessados decidir se os jogadores são amadores ou não. As diferentes Associações nacionais têm ideias também diferentes a esse respeito. Mas, temos fortes razões para acreditar que os jogadores que vierem a Londres no próximo verão, serão muito mais «amadores» do que no passado, em consequência de avisos que já foram dados a certos países. Consta que já se procede a investigações quanto ao estatuto de jogadores pelo menos em um país europeu muito conhecido pelo seu amor ao futebol.

A ambição do Egípto

De todas as nações que desejam conquistar essa honra olímpica tão apreciada, nenhuma está mais ansiosa pelo êxito do que o Egípto, que no último torneio em Berlim perdeu na primeira volta com a Austria. Foi contratado um treinador inglês, o antigo jogador do Derby County, Eric Keen, e não se poupam esforços para a organização de um Onze de primeira ordem. A Holanda também tem um treinador inglês, antigo «az», do Blackburn Rovers, Jesse Carver. Entre os outros países europeus que figuram na competição destacam-se — a Suécia, a Dinamarca e a Suíça e, se os russos entrarem, também podem ser contados como uma ameaça mesmo para os melhores grupos.

Na América do Sul, o futebol progrediu de tal forma na Argentina e nos países vizinhos desta, que as probabilidades dos seus jogadores não podem ser desprezadas. Espera-se apenas que o temperamento de alguns desses grupos da América Latina não permita que eles dêem o máximo do seu esforço. A propósito recorda-se o «incidente» que se deu nas últimas Olimpíadas provocado pelo Onze do Peru.

A Itália, detentora da vitória, deve lutar vigorosamente para manter o título, mas os italianos não devem encontrar-se em tão boa forma como antes da guerra. Pode dizer-se o mesmo acerca da Austria. Assim, um novo nome pode surgir no torneio olímpico de futebol — e não será de surpreender que esse nome seja o da Grã-Bretanha. — V. M.

Segunda Divisão da A. F. L.

(Continuação da pág. 3)

nos, que a certa altura do campeonato deram provas de competência, viram-se num repente apeados na classificação.

Alinharam os grupos do seguinte modo:

Casa Pia — Cardoso, Octávio, Vasco da Gama, Medeiros, Júlio, Pais, Carmo, Dias, Prates, Coutinho e Rocha.

Arroios — Cardoso, Pinho, Renato Espírito Santo, Ernesto, Xavier, Ramos Silva, Jaime Parente, Granchó, Dario e Ferramenta.

Arbitro — Alfredo Domingos.

Os casapianos marcaram no primeiro minuto, de grande penalidade, por intermédio de Júlio, mas aos 10 minutos Jaime fez o empate. Granchó, antes do intervalo, colocou o Arroios em vencedor. De novo o Casa Pia marcou, por Carmo, agora no princípio da 2.ª parte, mas Jaime deu a vitória ao seu grupo, com novo re-

mate, quase no fim do desafio. Ferramenta foi expulso aos 40 minutos, mas o Arroios segurou o resultado.

O Sacavenense deixou-se bater no seu campo

Os rapazes da vanguarda não se deixaram surpreender no campo de Sacavém. Esta vitória pela tangente, foi merecida pelo apego dos lisboetas. Logo que apareceu o tento da vitória, os rapazes do Operário fizeram tudo para a garantir. O tento, entretanto feito aos 25 minutos, apareceu depois de um toque infeliz da defesa sacavenense.

Sacavenense — Agostinho, Fausto, Octávio, Domingos, Guimarães, Alvaro Gomes, Trião, Lourenço, Luis Neves, Freitas e Vicente.

Operário — Délio, Rogério, Galileu, César, Serafim, Amorim, Gonçalves, Henrique, Antero, Ani-

bal e Canal. Arbitro, Domingos Godinho.

O S. L. e Olivais reage...

Os rapazes do Futebol Benfica não puderam vencer o entusiasmo dos donos da casa, que obtiveram uma vitória preciosa e justa. Mais um jogador seu, entretanto, veio a receber ordem de expulsão (Fernando Paiva).

Quirino faliu uma grande penalidade, e depois deste lance marcou Paiva o 1.º ponto — resultado da 1.ª parte. No 2.º período, aos 10 minutos, Paiva conseguiu assegurar a vitória com novo ponto, entregando-se por completo os visitantes.

Olivais — Jaime Paiva, Correia, Tomás, Guilherme, Rodrigues, Frutuoso, Clemente, Leonel, Agostinho, Freireira e Fernando Paiva.

Futebol Benfica — Anibal, Diogo, Henrique, Varela, Brito, Nogueira, Couvelo, Quirino, Inácio, Jorge e Estevam. Arbitro, António Serrano.

VIDA DESPORTIVA



À esquerda, o ciclista João Rebelo na «Rampa do Vale de Santo António»; à direita, os vencedores das tres categorias (da esquerda para a direita): o independente Pinto Ribeiro, o amador Maximiano Rôla, e o iniciado Raul Fernandes



O grupo dos «lusitos» que tomaram parte nas regatas comemorativas do lançamento do primeiro barco à água



O Clube de Campismo de Lisboa no seu último acampamento da época. Um curioso aspecto das barracas



O banquete de homenagem aos Campeões do Benfica constituiu uma bela cerimónia benfiquense. Apresentamos dois momentos da grande festa, enquanto discursam os srs. coronel Sacramento Monteiro e Mário Noronha



O ciclista leonino João Lourenço, após ter sido submetido à operação da apendicite, fica instalado na enfermaria que o Sporting montou na sua sede na Rua do Passadiço



1 — As obras começaram no passado domingo no Campo da Constituição. 2 — O arquitecto Oldmiró Carneiro, a quem estão confiadas as obras, e o sócio n.º 1 do Futebol Clube do Porto trocam impressões sobre o campo

ARCÁDIA O DANCING N.º 1 DA CAPITAL
 Apresenta as super-atrações
IRIS et RIBEIRO
BALLET CIMARRO
 HERMANAS APARICIO
 o famoso estilista argentino
JORGE CARDOSO
 com **CHOVA** y sus **MUCHACHOS**
 Orquestra **ARCADIA**
 COM O VOCALISTA
ANTÓNIO CUNHA
 Abertura às 22 horas



Começou o Torneio de Encerramento da Associação de Voleibol de Lisboa: uma fase do jogo Sporting — Cuf do Barreiro